



O triunfo dos porcos

George Orwell

Título: O TRIUNFO DOS PORCOS

Título original: Animal Farm

Autor: - George Orwell

Obras publicadas nesta coleção:

- 1 - A Idade da Inocência, Edith Wharton
- 2 - Retrato do Artista Quando Jovem, James Joyce
- 3 - O Grande Gatsby, F. Scott Fitzgerald
- 4 - A Casa de Bernarda Alba, Federico García Lorca
- 5 - O Amante de Lady Chatterley, D. H. Lawrence
- 6 - Gente de Dublin, James Joyce
- 7 - Três Homens Num Bote, Jerome K. Jerorne
- 8 - A Casa da Felicidade, Edith Wharton
- 9 - Filhos e Amantes, D. H. Lawrence
- 10 - A Confissão de Lúcio, Mário de Sá-Cameiro
- 11 - 24 Horas da Vida de Uma Mulher, Stefan Zweig
- 12 - A Mãe, Máximo Gorki
- 13 - Ethan Frome, Edith Wharton
- 14 - Voo na Noite, Antoine de Saint-Exupéry
- 15 - O Príncipezinho, Antoine de Saint-Exupéry
- 16 - O Livro da Selva, Rudyard Kipling
- 17 - Sonetos, Florbela Espanca
- 18 - Mulheres Apaixonadas, D. H. Lawrence
- 19 - A Viagem, Virginia Woolf
- 20 O Triunfo dos Porcos, George Orwell

O TRIUNFO DOS PORCOS

GEORGE ORWELL

(D The Estate of the late Sonia Brownell Orwell

Editor: Francisco Lyon de Castro

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA, LDA.

Apartado 8

2726 MEM MARTINS CODEX

PORTUGAL

CAPÍTULO I

O Sr. Jones, da Quinta Manor, tinha trancado os galinheiros, mas estava demasiado bêbado para se lembrar de fechar os postigos. Com o círculo de luz da lanterna dançando de um lado para o outro, atravessou o pátio aos tombos, livrou-se das botas na porta das traseiras, serviu-se de um último copo de cerveja do barril da copa e subiu para o quarto, onde a Sra. Jones já ressonava.

Assim que a luz do quarto se apagou, houve agitação e alvoroço em todas as divisões da quinta.

Constara, durante o dia, que o velho Major, o premiado porco "Middle White", tivera um estranho sonho na noite anterior e desejava transmiti-lo aos outros animais. Ficara acordado reunirem-se todos no celeiro grande, logo que estivessem livres do Sr. Jones. O velho Major (como sempre lhe chamavam, embora o nome com que fora exibido fosse Beleza de Willingdon) era tão respeitado na quinta que todos estavam dispostos a perder uma hora de sono para ouvirem o que ele tinha a dizer.

Num dos extremos do grande celeiro, numa espécie de plataforma elevada, Major já se encontrava recostado na sua cama de palha, por baixo de uma lanterna pendurada numa viga.

Tinha 12 anos e engordara muito ultimamente, mas tinha ainda um porte majestoso, uma aparência sensata e benévola, apesar de nunca lhe terem sido serrados os colmilhos. Passado pouco tempo, começaram a chegar os outros animais, acomodando-se confortavelmente, cada um à sua maneira. Primeiro chegaram os três cães, Bluebell, Jessie e Pincher, e depois os porcos, que se instalaram na palha, mesmo em frente da plataforma. As galinhas empoleiraram-se nos peitoris das janelas, os pombos esvoaçaram até às traves, os carneiros e as vacas deitaram-se atrás dos porcos e começaram a ruminar. Os dois cavalos da carroça, Boxer e Clover, entraram juntos, vagarosamente e assentando com grande cuidado os enormes cascos peludos, com receio de que estivesse algum animal mais pequeno debaixo da palha. Clover era uma corpulenta égua próxima da meia-idade, que nunca conseguira recuperar as suas formas depois do nascimento do seu quarto potro. Boxer era um animal de grande porte, com perto de um metro e oitenta de altura e tão forte como dois cavalos comuns. Uma lista branca no focinho dava-lhe uma aparência um tanto imbecil e, de fato, não possuía uma inteligência de primeira, mas era respeitado por todos devido à sua firmeza de caráter e enorme capacidade de trabalho.

Depois dos cavalos chegaram Muriel, a cabra branca, e Benjamin, o burro. Benjamin era o animal mais velho da quinta e o mais mal-humorado. Raramente falava e, quando o fazia, era geralmente para proferir alguma observação cínica. Dizia, por exemplo, que Deus lhe havia dado uma cauda para enxotar as moscas, mas que preferiria não ter cauda, nem moscas. Era o único dos animais da quinta que nunca se ria. Se lhe perguntavam porquê, dizia que não via nada que lhe desse vontade de rir. No entanto, sem o admitir abertamente, era muito dedicado a Boxer; geralmente passavam os domingos juntos, no pequeno cercado do outro lado do pomar, pastando lado a lado, em silêncio.

Os dois cavalos tinham acabado de se deitar quando entrou no celeiro uma ninhada de patinhos que tinham perdido a mãe, piando debilmente e vagueando de um lado para o outro à procura de um lugar onde não fossem esmagados. Clover fez uma espécie de muro à volta deles, com a pata dianteira, e os patinhos aninharam-se ali e prontamente adormeceram. No fim entrou Mollie, a estouvada e bonita égua branca que puxava a charrete do Sr. Jones, requebrando-se com elegância e mastigando um torrão de açúcar. Ocupou um lugar próximo da frente e começou a sacudir a sua crina branca, esperando atrair as atenções para as fitas vermelhas com que estava entrançada. Por último veio o gato, que olhou em volta, como de costume, procurando o lugar mais quente e aconchegando-se finalmente entre Boxer e Clover; aí ficou ronronando com satisfação durante todo o discurso de Major, sem prestar atenção a uma única palavra do que ele dizia.

Agora todos os animais estavam presentes, exceto, Moses, o corvo domesticado, que dormia num poleiro atrás da porta dos fundos. Quando Maior viu que todos estavam confortavelmente instalados, esperando atentamente, aclarou a garganta e começou:

- Camaradas! Já ouviram falar do estranho sonho que tive a noite passada. Mas voltarei ao sonho mais tarde. Antes, tenho outra coisa para vos dizer. Não creio, camaradas, que esteja entre vós por muito mais meses e, antes de morrer, sinto que é meu dever transmitir-vos a sabedoria que adquiri. Tenho tido uma longa vida, e muito tempo para refletir quando estava sozinho no meu curral, e julgo poder afirmar que compreendo a essência da vida nesta terra tão bem como qualquer dos animais agora vivos. É acerca disto que quero falar-lhes.

-Camaradas: qual é o sentido desta nossa vida?

-Encaremos a realidade: a nossa vida é miserável, penosa e curta. Nascemos, somos alimentados apenas com a comida necessária para nos mantermos vivos, e aqueles de entre nós que têm capacidade para isso, são forçados a trabalhar até ao limite das suas forças; e, no preciso momento em que a nossa utilidade chega ao fim, somos abatidos com terrível crueldade.

Nenhum animal na Inglaterra, depois do primeiro ano de idade, conhece o significado da felicidade ou do ócio. Nenhum animal é livre na Inglaterra. A vida de um animal é angústia e escravidão; esta é a verdade nua e crua. Mas será que isto faz parte da lei da natureza? Será por esta nossa terra ser tão pobre que não possa dar uma vida decente àqueles que nela vivem? Não, camaradas, mil vezes não! O solo da Inglaterra é fértil, o clima é bom, é capaz de fornecer alimentação em abundância a uma quantidade de animais muito superior à dos que agora a habitam. Esta nossa pequena quinta podia sustentar uma dúzia de cavalos, vinte vacas, centenas de carneiros... vivendo todos com um conforto e uma dignidade que ultrapassassem a nossa imaginação. Então por que é que continuamos nestas condições miseráveis? Porque a quase totalidade do produto do nosso trabalho nos é roubada pelos seres humanos. Aí, camaradas, está a resposta a todos os nossos problemas. Resume-se a uma simples palavra: Homem. O homem é o único e verdadeiro inimigo que temos. Retirando o Homem da cena, a causa principal da fome e do excesso de trabalho desaparecerá para sempre. O homem é a única criatura que consome sem produzir. Não dá leite, não põe ovos, é demasiado fraco para puxar o arado, não corre o suficiente para caçar coelhos. No entanto, o senhor de todos os animais.

Põe-nos a trabalhar, retribui-lhes apenas com o mínimo indispensável para que não morram à fome e o resto guarda para si próprio. O nosso trabalho lavra o solo, o nosso estrume fertilizado e, ainda assim, nenhum de nós possui mais do que a sua própria pele. Vocês, vacas, que estão na minha frente, quantos milhares de litros de leite deram durante este último ano? E que aconteceu a esse leite, que deveria estar a servir para criar robustos vitelos?

Foi até à última gota para as goelas dos nossos inimigos. E vocês, galinhas, quantos ovos puseram este ano e quantos desses ovos se transformaram em frangos? Grande parte foi para o mercado, para se transformar em dinheiro para Jones e para os seus homens. E tu, Clover, onde estão aqueles quatro potros que tu deste à luz, que deveriam ser o amparo e alegria da tua velhice? Foram vendidos apenas com um ano de idade... não tornarás a ver nenhum deles. Como recompensa pelos teus quatro partos e por todo o teu trabalho no campo, o que recebeste, para além de magras maçãs e um estábulo? E, mesmo levando uma vida miserável, não nos permitem chegar ao seu termo natural. Por mim, não me queixo, porque sou um dos felizardos. Tenho 12 anos e tive mais de quatrocentos filhos. Assim é o curso normal da vida de um porco. Mas, no fim, nenhum animal escapa à faca cruel. Vocês, jovens leitões sentados à minha frente, soltarão dentro de um ano o vosso último guincho na mesa da matança. Todos temos de passar por esse horror... vacas, porcos, galinhas, carneiros, todos. Nem os cavalos e cães têm melhor destino. Tu, Boxer, no dia em que esses músculos perderem a força, serás vendido por Jones ao matadouro, onde te cortarão as goelas e te atirarão aos cães de caça. Quanto aos cães, quando ficam velhos e perdem os dentes, Jones ata-lhes uma pedra ao pescoço e afoga-os no tanque mais próximo. Não está, pois, claro, camaradas, que todos os males desta nossa vida resultam da tirania dos seres humanos? Bastaria libertarmo-nos do Homem e o produto do nosso trabalho seria nosso. Praticamente de um dia para o outro ficaríamos ricos e livres. Que temos então de fazer?

Trabalhar noite e dia, de corpo e alma, para derrubar a raça humana! Esta é a mensagem que vos dirijo, camaradas: Revolta!

Não sei quando surgirá esta Revolta, pode ser para a semana, ou daqui a cem anos, mas estou certo, como estou certo de estar a ver a palha sob os meus pés, que mais cedo ou mais tarde se fará justiça. Fixem nisto os vossos olhos, camaradas, durante o pouco tempo de vida que nos resta!

E, acima de tudo, transmitam esta minha mensagem àqueles que vierem depois de vós, para que as futuras gerações continuem a luta até à vitória. E lembrem-se, camaradas, a vossa determinação não deve nunca vacilar. Nenhum argumento deve desviar-vos do bom caminho. Não deem ouvidos, quando vos disserem que o Homem e os animais têm interesses comuns, que a prosperidade de um é a prosperidade dos outros. São tudo mentiras. O Homem não serve os interesses de nenhuma criatura exceto ele próprio. E entre nós, animais, que haja perfeita unidade, perfeita camaradagem na luta. Todos os homens são inimigos. Todos os animais são camaradas.

Neste momento houve um tremendo rebuliço. Enquanto Major falava, quatro grandes ratos saíram dos seus buracos e sentaram-se sobre os quartos traseiros a ouvi-lo.

Subitamente, os cães viram-nos e foi apenas uma rápida corrida de volta aos buracos que salvou a vida aos ratos. Maior ergueu a pata, pedindo silêncio.

- Camaradas - disse ele -, aqui está um ponto que é preciso esclarecer. As criaturas selvagens, como os ratos e os coelhos, são amigas ou inimigas?

Ponhamos isto à votação. Proponho a seguinte questão à assembleia: os ratos são camaradas?

A votação foi feita imediatamente e o resultado foi, por esmagadora maioria, que os ratos eram camaradas. Houve apenas quatro votos contra, dos três cães e do gato, que, como se veio a descobrir, votou em ambas as vezes. Major continuou:

- Pouco mais tenho a dizer. Apenas quero repetir: recordem sempre o vosso dever de hostilidade para com o Homem e todos os seus métodos. Tudo o que ande com dois pés é inimigo. Tudo o que ande com quatro pés, ou tenha asas, é amigo. E lembrem-se também de que, ao lutarmos contra o Homem, não devemos vir a parecer-nos com ele. Mesmo quando o vencermos, não devemos adotar os seus vícios. Nenhum animal deverá viver numa casa, dormir numa cama, usar roupas, beber álcool, fumar, tocar em dinheiro ou comerciar. Todos os hábitos do Homem são maus. E, principalmente, nenhum animal deve tiranizar os da sua espécie.

Fracos ou fortes, espertos ou estúpidos, somos todos irmãos.

Nenhum animal deve matar qualquer outro animal. Todos os animais são iguais. E agora, camaradas, vou falar-vos do meu sonho da noite passada. Não vos posso descrevê-lo. Sonhei como será a Terra quando o Homem desaparecer. Mas isso fez-me recordar uma coisa que há muito tinha esquecido. Há muitos anos, quando eu era ainda leitão, a minha mãe e as outras porcas costumavam cantar uma velha cantiga, da qual sabiam apenas a música e as três primeiras palavras.

Conheci essa música na minha infância, mas já a tinha esquecido. Na noite passada, contudo, voltei a recordá-la no meu sonho. E o que é curioso é que me ocorreram as palavras da cantiga, palavras que, tenho a certeza, eram cantadas pelos animais há muito tempo e estiveram esquecidas durante gerações. Vou agora cantar-vos essa cantiga, camaradas. Estou velho e a minha voz está rouca, mas, quando vos ensinar a música, vocês próprios poderão cantá-la melhor que eu. Chama-se Animais de Inglaterra.

O velho Major aclarou a garganta e começou a cantar. Como ele dissera, a sua voz era rouca, mas cantou razoavelmente bem e a melodia era arrebatadora, qualquer coisa entre Clementine e Lã Cururacha. A letra era assim:

Animais de Inglaterra, animais da Irlanda

Animais de todas as terras e climas,

Escutai as minhas alegres notícias

Do tempo futuro, que será dourado.

Cedo ou tarde virá o dia,
O Homem tirano será destronado,
E os férteis campos da Inglaterra
Serão percorridos só por animais.
As argolas desaparecerão dos nossos focinhos
E os arreios das nossas costas,
Freio e espora enferrujarão para sempre.
Os chicotes cruéis não mais estalarão.
Mais ricos que o imaginável,
Trigo e cevada, aveia e feno,
Trevo, feijão e beterraba,
Tudo será nosso nesse dia.
Vivamente brilharão os campos da Inglaterra,
Mais límpidas serão as suas águas,
As suas brisas soprarão mais doces,
No dia em que formos livres.
Por esse dia devemos todos trabalhar,
Mesmo morrendo antes que desponte;
Vacas e cavalos, gansos e perus,
Todos têm de lutar pela liberdade.
Animais da Inglaterra, animais da Irlanda,
Animais de todas as terras e climas,
Escutai bem e espalhai a notícia
Do tempo futuro, que será dourado.

A cantiga provocou nos animais uma grande excitação. Antes que Major tivesse acabado, começaram a cantá-la eles próprios.

Mesmo os mais estúpidos já tinham apanhado a música e algumas palavras e, quanto aos mais inteligentes, como os porcos e os cães, ao fim de poucos minutos sabiam a cantiga de cor. E então, depois de umas ensaiadelas prévias, toda a quinta desatou a cantar Animais da Inglaterra em uníssono. As vacas mugiam, os cães ganiam, os carneiros batiam, os cavalos relinchavam, os patos grasnavam. Estavam tão contentes com a cantiga que a repetiram cinco vezes sucessivas e teriam continuado durante toda a noite se não tivessem sido interrompidos.

Infelizmente, a algazarra acordou o Sr. Jones, que saltou da cama, certo de que andava uma raposa no pátio. Agarrou na espingarda que tinha sempre a um canto do quarto e descarregou uma série de seis tiros na escuridão. Os grãos de chumbo cravaram-se na parede do celeiro e a assembleia dispersou apressadamente. Cada um fugiu para o seu dormitório. Os pássaros saltaram para os poleiros, os outros animais instalaram-se na palha e, daí a pouco, toda a quinta dormia.

Três noites depois, o velho Major morreu serenamente durante o sono. O seu corpo foi enterrado ao fundo do pomar.

Estes acontecimentos deram-se no princípio de Março.

Durante os três meses seguintes, houve muita atividade secreta. O discurso de Major dera aos animais mais inteligentes da quinta uma visão completamente diferente da vida. Não sabiam quando teria lugar a Revolta vaticinada por Major, nem tinham motivos para pensar que aconteceria durante a própria vida, mas entendiam que era seu dever prepararem-se para ela. A tarefa de ensinar e organizar os outros recaiu naturalmente nos porcos, que eram geralmente reconhecidos como os animais mais inteligentes. Entre os porcos, destacavam-se dois jovens, chamados Snowball e Napoleão, que Jones estava a criar para vender.

Napoleão era um grande porco Berkshire, de ar feroz, o único desta raça que havia na quinta; falava Pouco, mas tinha fama de conseguir os seus fins.

Snowball era mais vivo que Napoleão, falava com mais desembaraço e tinha mais iniciativa, mas não o consideravam dotado de tanta personalidade. Todos os outros porcos da quinta eram destinados à engorda. O mais conhecido, entre eles, era um gorduchinho chamado Squealer, de bochechas redondas, olhos brilhantes, movimentos ágeis e voz esganiçada. Era um orador brilhante e quando discutia algum assunto complicado tinha o costume de se balouçar de um lado para o outro, sacudindo a cauda, o que, inexplicavelmente, era bastante persuasivo. Os outros diziam que Squealer conseguia transformar o preto em branco.

Os três tinham aperfeiçoado os ensinamentos do velho Major, elaborando um sistema de pensamento a que deram o nome de Animalismo. Algumas noites por semana, depois de o Sr. Jones adormecer, presidiam a reuniões secretas no celeiro e expunham aos outros os princípios do Animalismo.

No início, depararam com bastante estupidez e apatia. Alguns dos animais falavam no dever de lealdade para com o Sr. Jones, a quem se referiam como "Amo", ou faziam observações como esta:

- O Sr. Jones dá-nos de comer. Se ele se fosse embora, morreríamos à fome.

Outros faziam perguntas deste gênero:

- Que nos interessa o que acontecerá depois da nossa morte?

Ou, então:

- Se esta revolta vai acontecer de qualquer modo, que diferença faz que trabalhemos por ela ou não?

Os porcos tiveram grande dificuldade em fazê-los compreender que isto era contrário ao espírito do Animalismo.

As perguntas mais estúpidas eram feitas por Mollie, a égua branca. A primeira questão que colocou a Snowball foi:

- Depois da Revolta continuará a haver açúcar?

- Não - respondeu Snowball com firmeza não temos meios para fabricar açúcar nesta quinta. Além disso, tu não precisas de açúcar. Terás toda a aveia e feno que quiseres.

- Ainda poderei continuar a usar fitas na minha crina? - perguntou Mollie.

- Camarada - disse Snowball -, essas fitas de que tanto gostas são o distintivo da escravidão.

Não consegues compreender que a liberdade tem mais valor que as fitas?

Mollie concordou, mas não pareceu ficar muito convencida.

Os porcos tiveram ainda mais trabalho para contrariar as mentiras espalhadas por Moses, o corvo domesticado. Moses, o animal de estimação do Sr. Jones, era espião e mexeriqueiro, mas também um bom conversador. Dizia saber da existência de uma terra misteriosa, chamada Montanha de Açúcar, para onde iam todos os animais quando morriam. Situava-se algures no céu, um pouco para além das nuvens, explicava Moses. Na

Montanha de Açúcar era domingo sete dias na semana, havia trevo durante todo o ano e os torrões de açúcar e bolos de linhaça cresciam nas sebes. Os animais detestavam Moses porque ele apenas contava histórias e não trabalhava, mas alguns acreditavam na Montanha de Açúcar e os porcos tiveram de argumentar arduamente para os convencer de que tal lugar não existia.

Os seus mais fiéis discípulos eram os dois cavalos da carroça, Boxer e Clover. Ambos tinham grande dificuldade em pensar por si próprios, mas, tendo aceitado os porcos como professores, absorviam tudo o que lhes era dito e transmitiam-no aos outros animais através de argumentos simples.

Nunca faltavam às reuniões secretas no celeiro e conduziam a entoação de Animais da Inglaterra, com que terminavam sempre as sessões.

O resultado de tudo isto foi que a Revolta surgiu mais cedo e mais facilmente do que se esperava. No passado, embora fosse um amo rigoroso, o Sr. Jones fora um bom agricultor mas ultimamente passara maus bocados. Desanimara muito depois de perder dinheiro numa

questão judicial e começara a beber mais do que devia. Passava dias inteiros recostado na sua cadeira Windsor, na cozinha, lendo jornais, bebendo e, de vez em quando, dando a Moses côdeas de pão embebidas em cerveja. Os seus empregados eram preguiçosos e desonestos, os campos estavam cheios de ervas daninhas, as casas precisavam de telhados novos, as sebes eram negligenciadas e os animais andavam mal alimentados.

Veio o mês de Junho e o feno estava quase pronto para ceifar. Na véspera do Midsummerl, que calhou a um sábado, o Sr. Jones foi a Willingdon e embebedou-se de tal maneira no Leão Vermelho que só voltou no domingo ao meio-dia. Os homens tinham mungido as vacas de manhã cedo e depois saíram para caçar coelhos, sem se preocuparem com a alimentação dos animais. Quando o Sr. Jones regressou, foi imediatamente dormir para o sofá da sala, com o jornal News of The World a tapar-lhe a cara; por isso, quando chegou a noite os animais ainda não tinham comido. Por fim, não aguentaram mais.

Uma das vacas arrombou a porta do armazém com os chifres e todos os animais se começaram a servir de cereais. Foi nessa altura que o Sr. Jones acordou. Momentos depois, ele e os seus quatro homens estavam no armazém, munidos de chicotes, açoitando a torto e a direito. Isto era mais do que os esfomeados animais podiam suportar. Unanimemente, embora nada tivesse sido previamente planeado, lançaram-se sobre os carrascos. Jones e os seus homens viram-se subitamente alvo de marradas e coices que vinham de todos os lados. Estava completamente fora do seu alcance dominar a situação.

Nunca antes tinham visto animais procedendo assim e esta súbita insurreição de criaturas que eles costumavam castigar e maltratar à vontade deixou-os loucos de medo. Passados instantes desistiram de tentar defender-se de medo. Passados instantes desistiram de tentar defender-se e fugiram.

Correram como doidos pelo carreiro que levava à estrada, com os animais a persegui-los em triunfo. A Sra.. Jones, vendo pela janela do quarto o que se estava a passar, atirou à pressa alguns haveres para dentro de um saco de pano e fugiu da quinta por outro caminho. Moses saiu do poleiro e foi atrás dela, crocitando ruidosamente. Entretanto, os animais haviam perseguido Jones e os seus empregados até à estrada, fechando o portão de grades atrás deles. E assim, quase sem saberem o que estava a acontecer, a Revolta fora posta em marcha com sucesso: Jones fora expulso e a Quinta Manor era deles.

24 de Junho, dia de S. João. (N. da T.)

Durante os primeiros minutos, os animais mal podiam acreditar na sua sorte. A primeira coisa que fizeram foi percorrer em grupo toda a quinta até aos limites, como se quisessem certificar-se de que nenhum homem lá estava escondido; depois, regressaram aos edifícios da quinta para apagar os últimos traços do odioso reinado de Jones. As portas da casa dos arreios, ao fundo dos estábulos, foram arrombadas; os freios, argolas para o focinho, correntes para cães, as facas cruéis com que o Sr. Jones costumava castrar os porcos e cordeiros, foi tudo deitado ao poço. As rédeas, os cabrestos, os antolhos e as degradantes cevadeiras foram atiradas a uma fogueira ateadada no pátio, o mesmo acontecendo aos chicotes.

Quando viram estes últimos em chamas, todos os animais saltaram de alegria.

Snowball atirou também para o fogo as fitas com que se enfeitavam as crinas e as caudas dos cavalos nos dias de feira.

As fitas - disse ele - devem ser consideradas como roupas, que são aquilo que distingue o ser humano. Todos os animais devem andar nus.

Quando Boxer ouviu isto, foi buscar o pequeno chapéu de palha que usava no Verão para afastar as moscas das orelhas e atirou-o também para a fogueira.

Em pouco tempo, os animais destruíram tudo o que lhes lembrava o Sr. Jones. Então, Napoleão conduziu-os de novo ao armazém e distribuiu uma dupla ração de cereais a cada um e dois biscoitos a cada cão. Em seguida cantaram Animais da Inglaterra sete vezes, de uma ponta à outra e, depois disso, foram-se deitar e dormiram como nunca o tinham feito antes.

Mas, como de costume, acordaram ao alvorecer e, lembrando-se subitamente dos gloriosos acontecimentos da véspera, foram todos juntos para a pastagem. Um pouco adiante havia um outeiro de onde se avistava quase toda a quinta. Os animais apressaram-se a subi-lo e contemplaram a paisagem em volta, à claridade límpida da manhã. Sim, era tudo deles - tudo o que avistavam era deles!

No êxtase desse pensamento faziam cabriolas, atiravam-se ao ar em grandes saltos, numa excitação. Rebolavam-se no orvalho, enchiam a boca com a fresca erva de Verão, atiravam ao ar torrões de um rico perfume. Depois terra negra e aspiravam o se deram meia volta para inspecionar toda a quinta e admiraram em silêncio a terra lavrada, o campo de feno, o pomar, o tanque, o bosque. Era como se nunca tivessem visto estas coisas e, mesmo agora, ainda lhes custava a acreditar que era tudo deles.

Depois regressaram às construções da quinta e pararam em silêncio junto da porta da casa. Também era deles, mas tinham receio de entrar. Momentos depois, contudo, Snowball e Napoleão empurraram a porta e os animais entraram em fila indiana, caminhando com o máximo cuidado, com medo de causar algum dano. Percorreram todas as divisões em bicos de pés, com receio de levantar a voz e olhando com respeito o inacreditável luxo, as camas com colchões de penas, os espelhos, o sofá de crina, o tapete de Bruxelas, a litografia da rainha Vitória sobre o fogão da sala. Vinham a descer as escadas quando repararam que Mollie tinha desaparecido.

Voltando atrás, foram descobri-la no melhor quarto. Tinha tirado uma fita azul do toucador da Sra. Jones, enfeitara-se com ela e estava a admirar-se ao espelho com ar tolo. Os outros censuraram-na vivamente e foram lá para fora. Alguns presuntos, que estavam pendurados na cozinha, foram enterrados lá fora e o barril de cerveja que estava na copa foi rebentado com um coice de Boxer; tirando isso, nada mais foi tocado na casa. Por unanimidade, foi tomada a resolução de a preservar como museu. Todos concordaram em que nenhum animal deveria viver ali.

Os animais tomaram o pequeno-almoço e depois Snowball e Napoleão reuniram-se de novo.

- Camaradas - disse Snowball -, são seis e meia e temos um longo dia pela frente. Hoje começamos a ceifa do feno. Mas há outro assunto a tratar primeiro.

Neste ponto, os porcos revelaram que, ao longo dos últimos três meses, tinham andado a aprender a ler e escrever, por uma velha cartilha que pertencera aos filhos do Sr. Jones e que tinha sido atirada para o lixo. Napoleão mandou buscar latas de tinta preta e branca e conduziu-os até ao portão gradeado que dava para a estrada. Snowball (pois era ele o que melhor escrevia) colocou um pincel na bifurcação do seu pé, cobriu de tinta as palavras Quinta Manor que estavam na grade mais alta do portão e, no seu lugar, pintou: Quinta dos Animais.

Este seria, doravante, o nome da quinta. Depois disto, regressaram aos edifícios, onde Snowball e Napoleão pediram uma escada que encostaram à parede do fundo do celeiro grande.

Explicaram que, através das pesquisas dos últimos três meses, os porcos tinham conseguido condensar os princípios do Animalismo em Sete Mandamentos, que seriam agora inscritos na parede; passariam a constituir uma lei imutável, segundo a qual todos os habitantes da Quinta dos Animais deveriam Viver daqui para o futuro. Com alguma dificuldade, (pois não é fácil para um porco equilibrar-se em cima de uma escada), Snowball subiu e iniciou o trabalho, com Squealer alguns degraus mais abaixo segurando a lata de tinta. Os Mandamentos foram escritos na parede alcatroada, em grandes letras brancas que podiam ser lidas a vinte e cinco metros de distância. Diziam o seguinte:

OS SETE MANDAMENTOS

1. Tudo o que anda sobre dois pés é inimigo.
2. Tudo o que anda sobre quatro pés, ou tem asas, é amigo.
3. Nenhum animal usará roupa.
4. Nenhum animal dormirá numa cama.
5. Nenhum animal beberá álcool.
6. Nenhum animal matará outro animal.
7. Todos os animais são iguais.

Estava muito bem escrito e, com exceção para "amigo", escrito "amiguo" e para um dos "s's"», que estava ao contrário, a ortografia estava toda correta. Snowball leu alto, para que todos os outros compreendessem. Todos os animais acenaram em sinal de concordância e os mais espertos começaram logo a decorar os Mandamentos.

Agora, camaradas - gritou Snowball, atirando cá para baixo o pincel -, todos para o campo de feno! Tomemos como ponto de honra fazer a ceifa mais depressa do que Jones e os seus homens fariam.

Mas, nesse momento, as três vacas, que já há algum tempo pareciam incomodadas, soltaram enormes mugidos. Há vinte e quatro horas que não eram ordenhadas e tinham os úberes quase a rebentar. Depois de pensarem um pouco, os porcos mandaram buscar baldes e desempenharam razoavelmente bem a tarefa de mungir as vacas.

Pouco tempo depois, havia cinco baldes de leite cheio de espuma, cremoso, para os quais os animais olhavam com bastante interesse.

Que vai acontecer a esse leite? - perguntou alguém.

Jones costumava às vezes misturá-lo com o nosso farelo - disse uma das galinhas.

- Deixem lá o leite, camaradas! - gritou Napoleão, colocando-se à frente dos baldes. - Tratamos disso mais tarde.

A ceifa é mais importante. O camarada Snowball conduzir-vos-á.

Eu irei dentro de alguns minutos. Em frente, camaradas! O feno está à espera.

Os animais dirigiram-se para o campo de feno para começar a ceifa e, à tarde, quando voltaram, repararam que o leite tinha desaparecido.

Que trabalho e que cansaço tiveram para ceifar o feno! Mas os seus esforços foram recompensados, pois a colheita foi mais bem sucedida do que esperavam. Às vezes o trabalho era duro; os utensílios tinham sido concebidos para os seres humanos e não para animais e era uma grande desvantagem não serem capazes de utilizar nenhuma ferramenta que os obrigasse a permanecer de pé sobre as patas traseiras. Mas os porcos eram tão espertos que arranjam solução para todas as dificuldades. Os cavalos, esses, conheciam cada palmo de terra e, de fato, percebiam muito mais sobre ceifar e enfardar do que Jones e os seus homens. Os porcos não trabalhavam: dirigiam e fiscalizavam o trabalho dos outros. Com o seu saber superior era natural que assumissem a liderança. Boxer e Clover atrelavam-se à ceifeira ou à enfardadeira (agora não precisavam de freios, nem de rédeas, claro) e percorriam com passo firme todo o campo, com um porco atrás, gritando "Vamos camaradas!" ou "Alto, camaradas!" conforme o caso. E todos os animais, até os mais humildes, trabalharam na ceifa e enfardamento do feno. Até os patos e galinhas contribuíram para isso, todo o dia ao sol, para a frente e para trás, transportando pequenas quantidades de feno no bico. No fim, terminaram a colheita dois dias mais cedo do que teriam terminado Jones e os seus homens. Além disso, era a maior colheita que a quinta já tivera. Não havia qualquer desperdício; nem as galinhas e os patos, com os seus olhos perspicazes, tinham apanhado até à última espiga. E nenhum animal da quinta roubara sequer um bocado.

Durante todo esse Verão, o trabalho da quinta decorreu com a regularidade de um relógio. Os animais sentiam-se felizes como nunca tinham pensado poder sentir-se. Cada bocado de comida era para eles intenso prazer, agora que era comida verdadeiramente sua, produzida por eles e para eles e não racionada por um dono rancoroso. Com o desaparecimento dos inúteis parasitas humanos, havia mais comida para todos.

Também havia mais lazer, embora os animais fossem inexperientes. Deparam com muitas dificuldades; por exemplo, mais tarde, quando colheram os cereais, tiveram de fazer a debulha à moda antiga e separar as palhas soprando, visto que a quinta não tinha debulhadora; mas os porcos, com a sua inteligência, e Boxer com os seus extraordinários músculos, resolviam sempre tudo com sucesso. Boxer provocava admiração de todos. Já no tempo de Jones era um grande trabalhador, mas agora dir-se-ia possuir a força de três; havia dias em que todo o trabalho da quinta parecia recair sobre os seus fortes ombros. De manhã à noite empurrava e puxava, podendo sempre ser encontrado onde o trabalho era mais duro. Fizera um acordo com um dos galos para o acordar todas as manhãs meia hora antes dos outros e ia fazer algum serviço voluntário onde lhe parecesse ser mais necessário, antes de começar o dia normal de trabalho. A sua resposta para todos os problemas e contrariedades, adotada por ele como lema, era:

- Eu trabalharei mais!

Mas a verdade é que todos trabalhavam segundo as suas capacidades. As galinhas e os patos conseguiram cinco alqueires de cereais durante a colheita, juntando os grãos disperses. Ninguém roubava, ninguém se queixava das rações; as discussões, lutas e ciúmes, constantes antigamente, tinham praticamente desaparecido. Ninguém fugia ao trabalho, ou quase ninguém. É verdade que Mollie tinha preguiça de se levantar de manhã e tinha o hábito de deixar o trabalho cedo, com a desculpa de que tinha uma pedra no casco. O comportamento do gato também era um pouco estranho.

Depressa se notou que, quando havia trabalho, ninguém via o gato. Desaparecia durante horas a fio e reaparecia à hora das refeições ou à noite, depois de o trabalho ter terminado, como se não fosse nada com ele. Mas apresentava sempre ótimas desculpas e ronronava com tanta meiguice que era impossível não acreditar nas suas boas intenções.

O velho burro Benjamin parecia não ter mudado com a Revolta.

Executava o seu trabalho com a mesma obstinada lentidão, como no tempo de Jones; nunca se esquivava, mas também nunca se oferecia voluntariamente para qualquer tarefa extraordinária.

Sobre a Revolta e suas consequências não emitia opiniões. Quando lhe perguntavam se não era mais feliz agora que Jones se fora, respondia apenas:

Os burros têm uma vida longa. Nenhum de vocês ainda viu um burro morto.

E os outros tinham de se contentar com esta lacônica resposta.

Aos domingos não se trabalhava. O pequeno-almoço era uma hora mais tarde do que o costume e, a seguir, tinha lugar uma cerimônia que se realizava todas as semanas, sem falta.

Primeiro, era içada a bandeira. Snowball tinha encontrado na casa dos arreios uma velha toalha de mesa verde, que fora da Sra. Jones, e pintou nela um casco e um chifre. Era içada no mastro do jardim todos os domingos de manhã.

Snowball explicou que o verde representava os campos da Inglaterra, enquanto o casco e o chifre simbolizavam a futura República dos Animais, que surgiria quando finalmente a raça humana fosse derrotada.

Depois de içada a grande bandeira, os animais reuniam-se no celeiro para uma reunião geral a que chamavam Assembleia. Nela planejavam o trabalho para a semana seguinte e colocavam-se questões, que eram debatidas. Eram sempre os porcos que apresentavam as resoluções. Os outros animais compreendiam como se votava, mas não conseguiam ter ideias próprias.

Snowball e Napoleão eram de longe os mais ativos nos debates, mas era notório que nunca estavam de acordo um com o outro: fosse qual fosse a sugestão o outro contrariava sempre.

- Mesmo quando de um se decidiu - coisa que ninguém podia discordar reservar um pequeno recinto situado atrás do pomar para repouso dos animais que ultrapassassem a idade ativa, houve uma violenta discussão acerca da idade de reforma de cada espécie.

Para terminar a Assembleia, cantavam sempre Animais de Inglaterra, e a tarde era reservada à diversão.

Os porcos tinham reservado a casa dos arreios para seu quartel-general. Aí, à noite, aprendiam serralheria, carpintaria e outras artes, que estudavam em livros trazidos da casa grande.

Snowball ocupava-se também com a organização daquilo a que chamava Comitês de Animais. Infatigavelmente, formou o Comitê de Produção de Ovos, para as galinhas, a Liga das Caudas Limpas, para as vacas, o Comitê de Reeducação dos Camaradas Selvagens (cujo objetivo era o de domesticar ratos e coelhos), o Movimento de Branqueamento da Lã, para os carneiros e vários outros, além de classes para aprendizagem da leitura e escrita. Na generalidade, estes projetos falharam. A tentativa de domesticar os animais selvagens, por exemplo, fracassou praticamente desde o início. Continuavam a comportar-se como antes e, quando tratados com generosidade, aproveitavam-se disso. O gato aderiu ao Comitê de Reeducação e foi muito ativo durante alguns dias. Foi visto um dia sentado no telhado a conversar com uns pardais que estavam fora do seu alcance. Estava a dizer-lhes que agora todos os animais eram camaradas e que os que quisessem podiam empoleirar-se na sua pata; mas os pardais mantiveram-se à distância.

As classes de leitura e escrita, porém, tiveram grande sucesso. Quando chegou o Outono, quase todos os animais da quinta estavam alfabetizados até certo ponto.

Quanto aos porcos, já sabiam ler e escrever na perfeição. Os cães aprenderam a ler razoavelmente, mas estavam interessados somente na leitura dos Sete Mandamentos. Muriel, a cabra, lia melhor que os cães e às vezes, à noite, lia para os outros bocados de jornal que encontrava no lixo. Benjamin sabia ler como qualquer dos porcos, mas nunca exercitava essa faculdade.

Tanto quanto sabia, dizia ele, nada havia que valesse a pena ser lido. Clover aprendeu todo o alfabeto, mas não conseguia juntar as letras. Boxer nunca foi capaz de passar da letra D.

Desenhava na poeira A, B, C, D, com o seu grande casco, e depois ficava a olhar fixamente para as letras, com as orelhas deitadas para trás, às vezes sacudindo a crina, tentando com todas as suas forças lembrar-se da que vinha a seguir, mas nunca conseguia. Várias vezes aprendeu as letras E, F, G, H e, nessas alturas, descobria que tinha esquecido o A, o B, o C e o D. Finalmente, decidiu contentar-se com as primeiras quatro letras e escrevia-as uma ou duas vezes por dia, para refrescar a memória. Mollie recusou-se a aprender quaisquer letras, exceto as do seu nome. Fazia-as muito bem, com pequenos galhos e, em seguida, decorava-as com uma ou duas flores e passeava em volta delas, admirando o seu trabalho.

Nenhum dos outros animais da quinta conseguiu ir além da letra A. Viu-se também que os animais mais estúpidos, como os carneiros, galinhas e patos, eram incapazes de decorar os Sete Mandamentos. Depois de muito pensar, Snowball declarou que os mandamentos podiam, efetivamente, ser reduzidos a uma simples máxima: "Quatro pernas bom, duas pernas mau". Isto, disse ele, resumia o princípio básico do Animalismo. Todo aquele que o compreendesse bem estaria livre das influências humanas. Os pássaros, a princípio, protestaram, já que lhes parecia que também eles tinham duas pernas, mas Snowball provou-lhes que não era assim, dizendo:

- As asas de um pássaro são órgãos de propulsão e não de manuseamento. Devem, portanto, ser considerados como pernas. A marca distintiva do Homem é a mão, instrumento com o qual faz todo o mal.

Os pássaros não compreenderam o discurso de Snowball, mas aceitaram a sua explicação e os animais mais humildes dispuseram-se a decorar a nova máxima. "QUATRO PERNAS BOM, DUAS PERNAS MAU" foi escrito na parede do celeiro, por cima dos Sete Mandamentos e em letras maiores. Os carneiros, depois de decorarem a máxima, começaram a simpatizar com ela e frequentemente, quando estavam deitados no campo, começavam todos a balir, durante horas, sem se cansarem:

Quatro pernas bom, duas pernas mau!! Quatro pernas bom, duas pernas mau!

Napoleão não se interessava pelos Comitês de Snowball.

Dizia que a educação dos mais novos era mais importante que aquilo que se poderia fazer pelos que já eram adultos.

Aconteceu então que Jessie e Bluebell, logo a seguir à colheita do feno, tiveram filhos, nove robustos cachorros entre as duas. Assim que foram desmamados, Napoleão tirou-os das mães, dizendo que se responsabilizava pela sua educação.

Levou-os para um sótão onde só se podia chegar com uma escada e lá os conservou, tão afastados do resto da quinta que os outros de pressa se esqueceram deles.

O mistério do destino que era dado ao leite depressa se desvendou. Todos os dias era misturado na ração dos porcos.

As primeiras maçãs já estavam maduras e a relva do pomar estava cheia de fruta caída. Os animais tinham suposto como certo que a fruta seria repartida igualmente por todos; um dia,

contudo, recebeu-se ordem para recolher e trazer para a casa dos arreios toda a fruta caída, para uso dos porcos. Alguns dos outros animais resmungaram, mas não serviu de nada. Todos os porcos estavam de acordo neste ponto, até Snowball e Napoleão. Squealer foi enviado para dar explicações aos outros.

Camaradas! - gritou ele. - Com certeza não pensam, espero eu, que os porcos fazem isto com um espírito de egoísmo e superioridade. Na realidade, muitos de nós não gostam de leite e maçãs. O nosso único objetivo, ao ficar com estas coisas, é preservar a saúde. O leite e as maçãs (e isto, camaradas, é comprovado pela ciência) contêm substâncias absolutamente necessárias ao bem-estar de um porco. Nós, porcos, trabalhamos com o cérebro.

Toda a administração e organização desta quinta dependem de nós. Dia e noite zelamos pelo vosso bem-estar. É por causa de vocês que nós bebemos leite e comemos essas maçãs. Sabem o que aconteceria se nós, porcos, não cumpríssemos o nosso dever?

Jones voltaria para a quinta! Sim, Jones voltaria! Decerto, camaradas - gritava Squealer, quase em súplica, balouçando-se de um lado para o outro e sacudindo a cauda -, decerto nenhum de vocês quer ver Jones regressar, pois não?

Se havia coisa de que os animais estavam bem certos, era que não queriam que Jones voltasse.

Posta a questão desta forma, não tiveram mais nada a dizer. A importância de manter os porcos de boa saúde era óbvia. Por isso, ficou acordado, sem mais discussão, que o leite e as maçãs do chão (e também as que fossem apanhadas quando amadurecessem) deviam ficar reservados apenas para os porcos.

No fim do Verão, a notícia do que acontecera na Quinta dos Animais já se tinha espalhado por toda a região. Todos os dias Napoleão mandava grupos de pombos com instruções para se misturarem com os animais das quintas vizinhas, contarem a história da Revolta e ensinarem a música de Animais da Inglaterra.

A maior parte deste tempo passara-o o Sr. Jones sentado na taberna do Leão Vermelho em Willingdon, queixando-se a quem o quisesse ouvir da enorme injustiça que sofrera ao ter sido expulso da sua propriedade por um grupo de animais inúteis. Os outros agricultores concordavam em princípio, mas não o ajudaram muito. No fundo, cada um deles pensava secretamente se não poderia tirar vantagem para si próprio da infelicidade de Jones. Era uma sorte que os proprietários das duas quintas contíguas à Quinta dos Animais não mantivessem boas relações.

Uma delas, chamada Foxwood, era uma quinta grande, mal tratada, antiquada, cheia de mato, com todas as pastagens secas e as cercas num estado deplorável. O seu proprietário, o Sr. Pilkington, era um agricultor bonacheirão, que passava a maior parte do seu tempo a pescar ou a caçar, conforme a estação do ano. A outra quinta, chamada Pinchfield, era mais pequena e mais bem tratada. O seu dono era um Sr. Frederick, um homem astuto e inflexível, permanentemente envolvido em questões judiciais e com fama de se envolver em problemas. Estes dois homens antipatizavam tanto um com o outro que lhes era difícil chegar a acordo, mesmo para defesa de interesses comuns.

No entanto, ambos estavam bastante assustados com a revolta na Quinta dos Animais e desejosos de evitar que os seus animais tomassem conhecimento dela. A princípio, fingiram achar graça, desprezando a ideia de animais administrarem uma quinta sozinhos! Disseram que aquilo não durava mais de quinze dias. Espalharam que os animais da Quinta Manor (insistiam em não lhe chamar Quinta dos Animais, por não suportarem o nome) estavam constantemente a lutar uns com os outros e rapidamente morreriam à fome. Com o passar do tempo, tornou-se evidente que os animais não estavam a passar fome; Frederick e Pilkington mudaram de tom e começaram a falar da terrível crueldade que agora reinava na Quinta dos Animais. Fizeram constar que os animais praticavam o canibalismo, se torturavam uns aos outros com ferraduras em brasa e partilhavam as fêmeas entre si. Tudo isto era consequência de uma revolta contra as leis da Natureza, diziam Frederick e Pilkington.

Estas histórias, porém, não tiveram crédito total. De forma vaga e distorcida, continuavam a circular rumores de uma quinta maravilhosa, da qual os seres humanos tinham sido expulsos e onde os animais dirigiam os seus próprios afazeres; e, durante esse ano, uma onda de rebelião correu pelas regiões rurais. Touros que haviam sido sempre dóceis tornavam-se selvagens, carneiros derrubavam cercas e devoravam o trevo, vacas davam coices nos baldes do leite, cavalos de raça rejeitavam as barreiras e atiravam os seus cavaleiros para o outro lado. Acima de tudo, a música e a letra de Animais da Inglaterra eram conhecidas em todo o lado; a canção tinha-se propagado com espantosa rapidez. O seres humanos não conseguiam conter a raiva quando a ouviam, embora fingissem achá-la simplesmente ridícula. Não podiam compreender, diziam, como é que, mesmo sendo animais, conseguiam cantar tão ridículos disparates. Todo o animal que fosse apanhado a cantar aquilo era imediatamente castigado.

Mesmo assim, era impossível evitar que o fizessem. Os melros assobiavam-na nas sebes, os pombos arrulhavam-na nos ulmeiros, misturava-se com o ruído das forjas e com a toada dos sinos das igrejas. E quando os homens a ouviam, tremiam em segredo, considerando-a como uma profecia da sua futura ruína.

Nos princípios de Outubro, quando os cereais já estavam ceifados e empilhados e alguns até debulhados, um bando de pombos veio em turbilhão pelo ar e pousou no pátio da Quinta dos Animais, numa grande excitação. Jones e todos os seus homens e mais meia dúzia, de Foxwood e Pinclifield, tinham entrado pelo portão gradeado e vinham a subir a vereda que conduzia à quinta. Todos traziam paus, exceto Jones, que vinha à frente, com uma espingarda. Jam, obviamente, tentou reaver a quinta.

Há muito tempo que isto era esperado e todos os preparativos tinham sido feitos. Snowball, que estudara, num velho livro que encontrara na casa da quinta, as campanhas de Júlio César, tinha a seu cargo as operações de defesa. Deu rapidamente as suas ordens, e em poucos minutos todos os animais estavam a seus postos.

Assim que os homens se aproximaram dos edifícios da quinta, Snowball lançou o primeiro ataque.

Todos os pombos, trinta e cinco ao todo, voaram de um lado para o outro e, lá do alto, expeliram os seus excrementos sobre as cabeças dos homens; e, enquanto os homens tentavam escapar a isto, os gansos, que estavam escondidos atrás da sebe, avançaram

velozmente e deram-lhes bicadas traiçoeiras nas barrigas das pernas. Contudo, isto era apenas uma ligeira manobra de diversão, perpetrada para criar um pouco de desordem, e os homens, com os paus, afastaram facilmente os gansos. Snowball lançou então a segunda linha de ataque.

Muriel e todos os carneiros, com Snowball à frente, investiram e começaram a marrar e a picar os homens por todos os lados, enquanto Benjamin se virava e desatava aos coices, chicoteando-os com os seus pequenos cascos. Mas, mais uma vez, os homens, com os paus e as suas botas ferradas, foram mais fortes que eles, e, de repente, a um guincho de Snowball, que era o sinal de retirada, todos os animais recuaram para o pátio, passando o portão.

Os homens soltaram um grito de triunfo. Viram, pensavam eles, os seus inimigos a fugir e avançaram sobre eles, em tumulto. Isto era exatamente o que Snowball

planejara. Logo que os viram dentro do pátio, os três cavalos, as três vacas e o resto dos porcos, que tinham estado emboscados no estábulo, surgiram pela retaguarda, cortando-lhes a saída. Então, Snowball deu o sinal de ataque.

Ele próprio se precipitou para Jones, mas este, vendo-o avançar, ergueu a espingarda e disparou. Os chumbos deixaram linhas ensanguentadas nas costas de Snowball e um carneiro caiu morto. Sem hesitar, Snowball atirou os seus noventa e cinco quilos contra as pernas de Jones. Este foi arremessado para cima de um monte de estrume e a espingarda escapou-lhe da mão. Mas o espetáculo mais aterrador era o de Boxer, com as patas traseiras no ar e atacando com os seus poderosos cascos ferrados, como um ganhão. O seu primeiro coice apanhou um moço de cavalaria de Foxwood no crânio, estendendo-o na lama como morto. Vendo isto, alguns homens largaram os paus e tentaram fugir, tomados pelo pânico.

Momentos depois, todos os animais juntos corriam atrás deles, à volta do pátio.

Eram escorneados, escoiceados, mordidos, pisados. Não houve um único animal que não se vingasse deles à sua maneira. Até o gato, saltando de um telhado para os ombros de um vaqueiro, enterrou as garras no seu pescoço fazendo-o gritar horrivelmente. Quando, por um momento, a saída ficou desimpedida, os homens conseguiram fugir do pátio e chegar à estrada. E assim, após cinco minutos de invasão, batiam vergonhosamente em retirada pelo caminho donde tinham vindo, com um bando de gansos a assobiar atrás deles e a picar-lhes as barrigas das pernas durante todo o percurso.

Todos os homens se tinham retirado, menos um.

Quando voltaram ao pátio, Boxer tentava, com o casco, voltar o moço de cavalaria, que jazia com o rosto na lama. O rapaz não se movia.

- Está morto - disse Boxer, pesarosamente. - Não era minha intenção fazer isto. Esqueci-me de que trazia sapatos de ferro. Quem acreditará que eu não fiz isto de propósito?

- Nada de sentimentalismos, camarada! - gritou Snowball, com o sangue ainda a pingar dos ferimentos. - Guerra é guerra.

O único ser humano bom é o que está morto.

- Eu não tenho nenhum desejo de tirar vidas, mesmo que sejam humanas - repetiu Boxer, com lágrimas nos olhos.

- Onde está Mollie? - perguntou alguém.

Realmente, Mollie desaparecera. Por um momento, houve grande alarme; receava-se que os homens a pudessem ter maltratado de alguma maneira, ou mesmo levado. Por fim, foi encontrada na cocheira, escondida com a cabeça no meio do feno da manjedoura. Tinha fugido ao primeiro tiro.

Quando os outros voltaram da busca, descobriram que o moço de cavalaria, que estava apenas atordoado, já tinha vindo a si e fugira.

Os animais tinham voltado a reunir-se muito excitados, cada um contando em altos gritos as suas façanhas na batalha. Em seguida, realizaram uma improvisada celebração da vitória; a bandeira foi içada e o hino Animais de Inglaterra foi entoado várias vezes; depois, fizeram um pomposo funeral ao carneiro que fora morto, plantando um espinheiro-alvar sobre a sepultura. Junto dela, Snowball pronunciou um pequeno discurso, salientando a importância de todos os animais estarem prontos a morrer pela Quinta dos Animais, se necessário fosse.

Os animais decidiram unanimemente criar uma condecoração militar, «Animal Heroico de Primeira Classe», que foi logo ali conferido a Snowball e Boxer. Era uma medalha de latão (tinham sido encontrados, na casa dos arreios, uns ornamentos de latão para cavalos) que devia ser usada aos domingos e feriados. Criou-se também a condecoração "Animal Heroico de Segunda Classe", que foi conferida postumamente ao carneiro morto.

Discutiu-se longamente o nome a dar à batalha.

Por fim, deram-lhe o nome de Batalha do Estábulo. Já que fora aí que nascera a emboscada. A espingarda do Sr. Jones fora encontrada na lama e era do conhecimento geral que havia na casa uma provisão de cartuchos. Ficou decidido colocar a arma junto do pau da bandeira, como uma peça de artilharia, e dispará-la duas vezes por ano: uma a 12 de Outubro, aniversário da Batalha do Estábulo e outra a 24 de Junho, aniversário da Revolta.

À medida que o Inverno avançava, Mollie tornava-se cada vez mais maçadora. Todas as manhãs vinha atrasada para o trabalho, com a desculpa de ter acordado tarde, e queixava-se de dores misteriosas, embora o seu apetite fosse excelente. A pretexto de tudo e de nada fugia ao trabalho e ia para o bebedouro, onde ficava como tola, admirando a sua imagem refletida na água. Mas corriam também rumores acerca de algo mais sério. Um dia, quando Mollie passeava alegremente no pátio, agitando a longa cauda e mastigando uma haste de feno, Clover chamou-a à parte.

-Mollie - disse ela -, tenho uma coisa muito importante para te dizer. Esta manhã vi-te a olhar por cima da cerca que separa a Quinta dos Animais de Foxwood. Um dos homens do Sr. Pilkington estava do outro lado da cerca. E... eu estava muito longe, mas estou quase certa de o ter visto... ele falava contigo e tu deixava-lo afagar-te o focinho.

Que quer isto dizer, Mollie?

- Ele não o fez! Eu não deixei! Não é verdade! - gritou ela, começando a empinar-se e a rasgar o chão com o casco.

Mollie! Olha-me de frente. Dás-me a tua palavra de honra que esse homem não estava a fazer-te festas no focinho?

-Não é verdade! - repetiu Mollie, mas não conseguiu encarar Clover e, momentos depois, desatou a fugir, galopando em direção ao campo.

Um pensamento ocorreu a Clover. Sem dizer nada aos outros, foi à cocheira de Mollie e remexeu a palha com o casco.

Encontrou um monte de torrões de açúcar e algumas fitas de várias cores.

Três dias depois, Mollie desapareceu. Durante algumas semanas nada se soube do seu paradeiro, até que os pombos contaram que a tinham visto do outro lado de Willingdon.

Estava entre os varais de uma moderna carruagem, pintada de vermelho e preto, parada à porta de uma hospedaria. Um homem gordo e corado, de calções de xadrez e polainas, com ar de estalajadeiro, estava a afagar-lhe o focinho e a dar-lhe torrões de açúcar. O seu pelo estava tosquiado e trazia uma fita escarlate na crina.

Parecia estar a divertir-se, disseram os pombos.

Nenhum dos animais tornou a falar em Mollie.

Em Janeiro, o tempo esteve horrível. A terra estava dura como ferro e nada se podia fazer nos campos. No celeiro grande realizavam-se muitas reuniões e os porcos ocupavam-se com o planeamento do trabalho da estação seguinte. Começou a ser aceite que os porcos, manifestamente mais inteligentes que os outros animais, decidissem todas as questões de administração da quinta, embora as suas decisões devessem ser aprovadas por maioria.

Este acordo teria resultado se não fossem as disputas entre

Snowball e Napoleão. Em todos os pontos em que era possível haver desacordo, eles discordavam.

Se um deles sugeria que se semeasse maior superfície de cevada, era certo que o outro reclamava uma maior superfície de aveia, e se um dizia que tal ou tal campo era bom para couves, o outro afirmava que não servia para mais nada senão para tubérculos. Cada um tinha os seus seguidores e, por vezes, havia debates violentos. Nas Assembleias, Snowball obtinha frequentemente a maioria por causa dos seus brilhantes discursos, mas Napoleão era superior a ele a angariar apoios fora das reuniões. Era especialmente bem sucedido com os carneiros. Estes, ultimamente, tinham caído no hábito de balir "Quatro pernas bom, duas pernas mau", quer viesse a propósito, quer não, e muitas vezes interrompiam a Assembleia com isto.

Começou a notar-se até que o momento mais provável para encetarem o berreiro era aquele em que os discursos de Snowball atingiam o seu ponto decisivo.

Snowball estudara atentamente alguns números antigos da revista Agricultor e Criador de Gado que encontrara na casa grande e fizera imensos planos para inovações e melhoramentos.

Falava sabiamente em drenagens, ensilagem e fertilização e organizou um complexo esquema para que todos os animais largassem o estrume diretamente nos campos, cada dia num lugar diferente, para poupar o trabalho de o acarretar.

Napoleão não tinha planos seus, mas dizia, calmamente, que os de Snowball não serviam para nada e parecia estar à espera da sua hora. Mas, de todas as suas controvérsias, a mais azeda foi a que teve lugar por causa do moinho de vento.

No grande campo de pastagem, não muito longe dos edifícios, havia um pequeno monte, que era o ponto mais alto da quinta. Depois de estudar o terreno, Snowball declarou que aquele era o lugar indicado para um moinho de vento, que acionaria um dínamo e forneceria energia elétrica à quinta.

Iluminaria os estábulos e mantê-los-ia quentes no Inverno e também faria funcionar máquinas para cortar palha e feno, triturar a beterraba e ordenhar as vacas. Os animais nunca tinham ouvido falar em nada disto (a quinta era antiquada e apenas possuía máquinas primitivas) e ouviam estupefatos, enquanto Snowball evocava imagens de máquinas fantásticas que fariam o trabalho enquanto eles pastavam à vontade pelos campos ou se instruía, lendo e conversando.

Os planos de Snowball para o moinho foram elaborados em poucas semanas. Os pormenores mecânicos foram extraídos de três livros que tinham pertencido ao Sr. Jones: Mil Coisas úteis para Fazer em Casa, Todos os Homens são Pedreiros e Eletricidade para Principiantes. Snowball utilizava como gabinete de trabalho um barracão que costumava servir para as chocadoiras e que tinha um soalho liso, de madeira, onde se podia desenhar.

Fechava-se ali durante horas. Mantinha os livros abertos por meio de pedras e, com um pedaço de giz entalado na bifurcação do pé, movimentava-se de um lado para o outro, desenhando linha atrás de linha e soltando pequenos grunhidos de satisfação.

Pouco a pouco, os planos iam-se transformando num complicado conjunto de manivelas e rodas dentadas, cobrindo mais de metade do chão, completamente ininteligível para os outros animais, mas bastante impressionante. Todos vinham ver os desenhos de Snowball pelo menos uma vez por dia. Até as galinhas e patos vinham e esforçavam-se ao máximo para não pisarem as marcas de giz.

Só Napoleão se mantinha à parte. Pronunciara-se contra o moinho de vento desde o Princípio. Um dia, contudo, apareceu inesperadamente para examinar os planos. Andou à volta dos desenhos, olhou de perto cada detalhe, farejou-os uma ou duas vezes, ficou durante um bocado a mirá-los pelo canto do olho e, de repente, levantou a perna e urinou sobre os desenhos, saindo sem uma palavra.

Toda a quinta se encontrava profundamente dividida em relação ao moinho. Snowball não negava que a sua construção seria tarefa difícil. As pedras teriam de ser trazidas da pedreira e

levantadas em paredes, as velas teriam de ser feitas e, depois disso, seria preciso arranjar dínamos e cabos. (Como arranjar tudo isso é que Snowball não disse.) Mas afirmava que tudo se conseguiria fazer num ano. Depois disso, dizia ele, poupar-se-ia tanto trabalho que os animais só precisariam de trabalhar três dias por semana. Napoleão, por seu turno, argumentava que a prioridade de momento era aumentar a produção alimentar e que, se fossem perder tempo com o moinho, morreriam todos à fome. Os animais agrupavam-se em duas facções, cujos slogans eram "Vota em Snowball, pela semana de três dias" e "Vota. Em Napoleão, por uma manjedoura cheia". Benjamin foi o único que não aderiu a nenhuma facção.

Recusava-se a acreditar que viesse a ter mais comida, ou que o moinho poupasse trabalho. Com moinho ou sem moinho, dizia, a vida havia de continuar como sempre, isto é, mal.

Além das disputas sobre o moinho, havia a questão da defesa da quinta. Ficou bem compreendido que, embora os seres humanos tivessem saído derrotados na Batalha do Estábulo, podiam fazer outra tentativa, mais determinada, para reaver a quinta e reinstalar o Sr. Jones. Tinham razões para o fazer, tanto mais que a notícia da sua derrota se espalhara pela região e tornara todos os animais das quintas vizinhas mais rebeldes do que nunca.

Como de costume, Snowball e Napoleão estavam em desacordo.

Segundo Napoleão, o que os animais deviam fazer era arranjar armas de fogo e treinar-se no seu uso. Para Snowball, deviam enviar cada vez mais pombos e fomentar a revolta entre os animais das outras quintas. Um argumentava que, se não se conseguissem defender, sujeitar-se-iam a ser conquistados; o outro sustentava que, se a rebelião surgisse em toda a parte, não teriam necessidade de se defenderem. Os animais ouviram primeiro Napoleão, depois Snowball e não puderam decidir-se sobre quem tinha razão; na verdade, estavam sempre de acordo com aquele que falava no momento.

Por fim, chegou o dia em que Snowball terminou os seus planos. Na Assembleia do domingo seguinte seria posta à votação a decisão de começar ou não a construir o moinho.

Quando os animais se reuniram no celeiro, Snowball levantou-se e, conquanto ocasionalmente interrompido pelos balidos dos carneiros, expôs as razões pelas quais defendia a construção do moinho. Depois, Napoleão levantou-se para responder. Disse, com muita serenidade, que o moinho era um disparate e que aconselhava todos a votar contra e voltou a sentar-se; não falou mais de meio minuto e pareceu ficar quase indiferente ao efeito produzido. Snowball levantou-se com um salto e, fazendo calar os carneiros com um berro, pois tinham recomeçado a balir, encetou um apaixonado apelo a favor do moinho. Até aqui os animais tinham estado divididos mais ou menos igualmente nas suas simpatias, mas a eloquência de

Snowball arrebatou-os quase instantaneamente. Calorosamente, traçou um quadro de como seria a Quinta dos Animais quando o trabalho sórdido fosse retirado de cima das costas dos animais.

A sua imaginação ia para além das máquinas de cortar forragens e nabos. A eletricidade, dizia ele, fazia mover as debulhadoras, arados, grades, cilindros, segadeiras e enfardadeiras, além de fornecer a todos os estábulos luz

elétrica, água quente e fria e aquecimento. Quando acabou de falar, não havia nenhuma dúvida quanto ao sentido do voto.

Mas, neste momento, Napoleão levantou-se e, lançando a Snowball um estranho olhar de esguelha, soltou um grito agudo, como até então ninguém lhe ouvira.

Logo em seguida ouviu-se lá fora um terrível ladrar e nove enormes cães, usando coleiras com tachas de latão, entraram de rompante no celeiro.

Foram diretos a Snowball, que apenas teve tempo de saltar do seu lugar para escapar aos seus aguçados dentes. No momento seguinte estava cá fora, perseguido por eles. Demasiado espantados e assustados para poderem falar, todos os animais se amontoaram à porta para assistir à perseguição.

Snowball corria pelo extenso campo de pastagem que conduzia à estrada. Corria como só um porco consegue correr, mas os cães iam mesmo atrás dele. De repente escorregou e parecia certo que o agarrariam. Então levantou se, correndo mais do que nunca; mas os cães estavam outra vez quase a apanhá-lo. Um deles quase fincou os dentes na cauda de Snowball, mas este sacudiu a mesma a tempo. Fez então um esforço suplementar e, com uns centímetros de vantagem, esgueirou-se por um buraco na sebe e nunca mais foi visto.

Silenciosos e horrorizados, os animais arrastaram-se outra vez até ao celeiro. Os cães regressaram, aos saltos. A princípio ninguém conseguia imaginar de onde tinham vindo tais criaturas, mas depressa se esclareceu o problema: eles eram os cachorros que Napoleão tirara às mães e criara em segredo.

Embora ainda não fossem adultos, eram corpulentos e tinham a ferocidade de lobos. Mantiveram-se junto de Napoleão e foi observado que abanavam as caudas para ele, do mesmo modo que os outros cães costumavam fazer com o Sr. Jones.

Napoleão, seguido dos seus cães, subiu para a plataforma erguida no chão, lugar que antes pertencera ao Major, para fazer o seu discurso. Anunciou que, a partir de agora, as

Assembleias das manhãs de domingo iam acabar. Eram desnecessárias, disse ele, e uma perda de tempo. De futuro, todas as questões relacionadas com o trabalho da quinta seriam resolvidas por um Comitê de porcos, presidido por ele. Estes reunir-se-iam em segredo e depois comunicariam as suas resoluções aos outros. Os animais continuariam a reunir-se aos domingos de manhã para saudar a bandeira, cantar Animais da Inglaterra e receber dos porcos as ordens para a semana; mas não haveria mais debates.

Apesar de ainda chocados com a expulsão de Snowball, os animais ficaram desanimados com este anúncio. Alguns deles teriam protestado, se tivessem encontrado os argumentos certos. Até Boxer ficou um pouco perturbado. Inclinou as orelhas para trás, sacudiu várias vezes a crina e fez um esforço para ordenar os seus pensamentos; mas, por fim, não conseguiu pensar em nada para dizer. Os próprios porcos ficaram apreensivos, mostrando, no entanto, que eram mais desembaraçados. Quatro leitões que estavam na fila da frente soltaram gritos agudos de desaprovação e levantaram-se, começando a falar. De súbito, os cães que rodeavam Napoleão largaram algumas rosnadelas fundas, ameaçadoras e os porcos calaram-se e sentaram-se de

novo. Então, os carneiros desataram num tremendo berreiro, balindo "Quatro pernas bom, duas pernas mau" durante quase um quarto de hora, o que pôs fim a qualquer possibilidade de discussão.

Mais tarde, Squealer andou pela quinta a explicar aos outros as novas disposições.

- Camaradas - disse ele, espero que todos vocês saibam apreciar o sacrifício que o camarada Napoleão fez, tomando à sua conta este trabalho extra. Não julguem, camaradas, que ser chefe é um prazer! Pelo contrário, é uma grande e pesada responsabilidade. Ninguém crê mais firmemente do que o camarada Napoleão que todos os animais são iguais. Ele ficaria até muito feliz se pudesse deixar-vos tomar as vossas próprias decisões. Mas as vossas resoluções poderiam ser erradas, camaradas, e então que nos aconteceria?

Suponhamos que vocês tinham decidido seguir Snowball, com as suas fantasias de moinhos... Snowball, que, como sabemos, não passava de um criminoso?

- Ele lutou com valentia na Batalha do Estábulo – disse alguém.

- Valentia não basta - volveu Squealer. - Lealdade e obediência são as mais importantes. E quanto à Batalha do Estábulo, tempo virá, penso em que reconheçamos que o papel que se atribuiu a Snowball foi muito exagerado. Disciplina, camaradas, disciplina de ferro! Essa é hoje a palavra de ordem. Um passo em falso e os nossos inimigos cairiam em cima de nós. Certamente, camaradas, vocês não querem que Jones volte, pois não?

Mais uma vez o argumento era irresponsável.

Claro que os animais não queriam que Jones voltasse; se a manutenção dos debates aos domingos de manhã podia trazê-lo de volta, então estes tinham de acabar. Boxer, que já tivera tempo de pôr as ideias em ordem, exprimiu a opinião geral, dizendo:

- Se o camarada Napoleão o diz, deve estar certo.

E, daí em diante, adoptou a máxima: "Napoleão tem sempre razão", ajuntar ao seu lema "Eu trabalharei mais".

Nesta altura o tempo tinha melhorado e a época da lavra começara. O barracão onde Snowball tinha desenhado os seus planos para o moinho fora fechado e supunha-se que os planos tinham sido apagados do chão. Todos os domingos, às dez horas, os animais reuniam-se no celeiro grande para receber as ordens para a semana seguinte. O crânio do velho Major, agora já sem carne, fora desenterrado do pomar e colocado sobre um cepo junto do pau da bandeira, ao lado da espingarda. Depois do içar da bandeira, os animais eram obrigados a desfilar reverentemente à frente do crânio, antes de entrarem no celeiro. Agora não se sentavam todos juntos, como no passado. Napoleão, Squealer e outro porco, chamado Minimus, que tinha um notável dom para compor canções e poemas, sentavam-se na frente da plataforma, com os nove cães formando um semicírculo à volta deles e os outros porcos atrás. Os outros animais sentavam-se de frente para eles, no meio do celeiro. Napoleão lia as ordens para a semana num estilo áspero, quase marcial, e, depois de cantarem uma única vez Animais de Inglaterra, todos dispersavam.

No terceiro domingo depois da expulsão de Snowball, os animais foram surpreendidos com o anúncio de Napoleão de que, afinal, o moinho de vento seria construído. Não deu justificações para o fato de ter mudado de ideias, apenas preveniu que esta tarefa extraordinária iria custar muito trabalho; talvez fosse preciso até reduzir as rações. Os planos, contudo, tinham sido elaborados até ao mais ínfimo pormenor.

Uma comissão especial de porcos estivera a trabalhar neles durante as últimas três semanas. A construção do moinho, com diversos melhoramentos, deveria demorar dois anos.

Nessa noite, Squealer explicou particularmente aos outros animais que Napoleão, na verdade, nunca se opusera à construção do moinho. Pelo contrário, fora ele a defendê-la no princípio e o plano que Snowball tinha desenhado no chão da casa das chocadeiras fora roubado de entre os papéis de Napoleão. O moinho era, na realidade, uma criação de Napoleão.

Alguém perguntou porque é que, nesse caso, ela falara contra ele com tanta veemência.

Squealer respondeu com muita astúcia. Disse que isso fora uma manobra inteligente do camarada Napoleão. Parecera opor-se ao moinho apenas com o intuito de se ver livre de Snowball, que era um mau caráter e uma péssima influência. E, agora que Snowball saíra do caminho, o plano podia ser executado sem a sua interferência. A isto chamava-se tática, disse Squealer.

Balançando-se e sacudindo a cauda, com um riso jovial, repetiu várias vezes:

Tática, camaradas, tática!

Os animais não sabiam bem o que a palavra significava, mas Squealer falava com tanta persuasão e os três cães, que por acaso estavam com ele, rosnavam tão ameaçadoramente, que eles aceitaram a sua explicação sem fazer mais perguntas.

Durante todo esse ano, os animais trabalharam como escravos.

Mas estavam felizes; não mostravam má vontade em relação a nenhum esforço ou sacrifício, conscientes de que tudo o que faziam era em seu próprio benefício e no dos da sua espécie que depois viessem, e não em proveito de um grupo de inúteis e gatunos seres humanos.

Durante a Primavera e o Verão trabalharam sessenta horas por semana e, em Agosto, Napoleão anunciou que também haveria trabalho aos domingos de tarde. Este serviço era rigorosamente voluntário, mas todos os animais que se esquivassem a ele veriam as suas rações reduzidas a metade. Mesmo assim, foi necessário deixar algumas tarefas por fazer. A colheita foi um pouco mais fraca que no ano anterior e dois campos que deveriam ter sido semeados com tubérculos no princípio do Verão não o foram, porque a lavoura não tinha terminado a tempo. Era de prever que o próximo Inverno iria ser duro.

A construção do moinho apresentava dificuldades inesperadas.

Havia na quinta uma boa pedreira de calcário e, num dos alpendres, encontrou-se muita areia e cimento, portanto todos os materiais estavam à mão. Mas o problema que de construção os animais a princípio não sabiam como resolver era o de como cortar as pedras em bocados do

tamanho adequado. Parecia que a única maneira de e alavanca o fazer consistia em utilizar picaretas, instrumentos que nenhum animal podia utilizar porque nenhum deles conseguia permanecer apoiado apenas nas pernas traseiras. Só depois de semanas de esforços vão é que alguém teve uma boa ideia - utilizar a força da gravidade. Enormes blocos de pedra, grandes demais para serem usados como estavam, jaziam no leito da pedreira. Os animais passavam cordas à roda deles e depois, todos juntos, vacas, cavalos, carneiros, todos os que eram capazes de segurar a corda até os porcos por vezes ajudavam, nos momentos críticos – eles arrastavam pedreira e aí largavam nos, cá embaixo, assim partiam-se em bocados e a pedra, já partida, era muito mais simples.

Benjamin, os carneiros até Muriel arrastavam blocos mais pequenos.

Os cavalos se atrelavam a uma velha carroça e davam a sua contribuição. No fim do Verão, estava reunida uma quantidade suficiente de pedra e a construção começou, sob a superintendência dos porcos.

Mas era um processo lento e trabalhoso. Frequentemente demorava um dia inteiro arrastar um só bloco até ao cimo da pedreira e, às vezes, quando era empurrado cá para baixo, não se partia. Nada se teria conseguido sem Boxer, cuja força parecia ser igual à de todos os outros animais juntos. Quando o bloco começava a escorregar e os animais gritavam desesperados ao sentirem-se arrastados para baixo, era sempre Boxer que aguentava a corda, puxando e fazendo parar o bloco de pedra. Vê-lo movendo-se penosamente encosta acima, centímetro a centímetro, a arfar, arranhando o chão com as pontas dos cascos, com os possantes músculos empapados em suor, enchia os animais de admiração. Clover, às vezes, aconselhava-o a ter cuidado, a não se esforçar demasiado, mas Boxer não lhe dava ouvidos. As suas duas máximas, "Eu trabalharei mais" e "Napoleão tem sempre razão", pareciam-lhe resposta suficiente para todos os problemas. Tinha agora combinado com o galito este acordá-lo três quartos de hora mais cedo, em vez de meia hora. E, nos momentos de lazer, que agora eram raros, ia sozinho para a pedreira, recolhia um carregamento de pedra partida e levava-o para o local da construção, sem ajuda.

Os animais não passaram mal esse Verão, apesar da dureza do trabalho. Se não tinham mais comida que no tempo de Jones, pelo menos não tinham menos. A vantagem de só terem de se alimentar a si próprios e não precisarem de sustentar também cinco esbanjadores seres humanos era tão grande que seriam precisos muitos desaires para a superar. E, nalguns casos, os métodos animais de executar as tarefas eram mais eficientes que os dos homens e poupavam esforços. Trabalhos como a moenda, por exemplo, podiam ser realizados com uma perfeição impossível de atingir pelos seres humanos. E como agora nenhum animal roubava, era desnecessário colocar vedações entre os campos de pastagem e a terra arável, o que economizava muito trabalho com a manutenção de sebes e cancelas.

No entanto, à medida que o Verão avançava, várias carências imprevistas começaram a fazer-se sentir. Havia falta de petróleo, pregos, corda, biscoitos para cão e ferro para as ferraduras dos cavalos, coisas que não podiam ser reproduzidos na quinta.

Mais tarde seria preciso arranjar também sementes e adubos artificiais, além de várias ferramentas e, finalmente, a maquinaria para o moinho. Como obter tudo isto, ninguém podia imaginar.

Num domingo de manhã, quando os animais se reuniram para receber ordens, Napoleão anunciou que tinha decidido adotar uma nova política. Daqui em diante, a Quinta dos Animais iria negociar com as quintas vizinhas: não com objetivos comerciais, mas com o intuito claro, de simplesmente obter materiais de que necessitavam com urgência.

- As necessidades do moinho deviam sobrepor a todas as outras, dizia ele. Estava, por isso, a tratar de vender uma meada de feno e parte da colheita de trigo do ano em curso e, mais tarde, se fosse preciso mais dinheiro, teriam de vender ovos, para os quais havia sempre um mercado, em Willingdon.

As galinhas, disse - Napoleão, deviam aceitar com prazer esse sacrifício, como uma contribuição especial para a construção do moinho.

Mais uma vez os animais sentiram uma vaga de inquietação.

Nunca tratar com seres humanos, nunca negociar, nunca tocar em dinheiro - não tinham sido estas as resoluções tomadas naquela primeira Assembleia triunfante, depois da expulsão de Jones? Todos os animais se lembravam de ter aprovado tais resoluções, ou pelo menos pensavam lembrar-se. Os quatro leitões que tinham protestado quando Napoleão aboliu as Assembleias levantaram timidamente as vozes, mas foram imediatamente silenciados por uma terrível rosnadela dos cães.

Depois, como já era habitual, os carneiros começaram a berrar "Quatro pernas bom, duas pernas mau!" e o momentâneo embaraço passou. Finalmente, Napoleão levantou a pata pedindo silêncio e comunicou que já tinha tomado todas as medidas. Não seria necessário nenhum animal entrar em contacto com seres humanos, o que seria manifestamente indesejável. Ele tencionava encarregar-se do pesado fardo. O Sr. Sniper, um advogado que vivia em Willingdon, concordara em atuar como intermediário entre a Quinta dos Animais e o mundo exterior e visitaria a quinta todas as segundas-feiras de manhã, para receber instruções. Napoleão terminou o seu discurso com o grito habitual: "Viva a Quinta dos Animais!" e, depois de cantarem Animais da Inglaterra, foram-se embora.

A seguir, Squealer percorreu a quinta tranquilizando os animais. Garantiu-lhes que a resolução de nunca negociarem, nem utilizarem dinheiro nunca fora aprovada, ou mesmo sugerida. Era pura imaginação, talvez ligada no princípio às mentiras postas a circular por Snowball. Alguns animais sentiam ainda algumas dúvidas, mas Squealer perguntou-lhes sagazmente:

- Estão certos de que isso não foi um sonho vosso, camaradas? Têm algum testemunho de tal resolução? Está escrita nalgum lado?

E, visto ser verdade que nada disso estava escrito, os animais convenceram-se de que se tinham enganado.

A Sr. Whympers visitava a quinta, Todas as segundas-feiras como o combinado. Era um homem pequeno, com aspecto de fuinha, de suíças, um advogado com pouco trabalho, mas suficientemente esperto para perceber, antes de toda a gente, que a Quinta dos Animais precisava de um agente e que valeria a pena aproveitar as comissões.

Os animais observavam as suas idas e vindas com uma espécie de receio e evitavam-no o mais possível. No entanto, o espetáculo de Napoleão, apoiado nas suas quatro pernas, dando ordens a Whympers, que estava sobre duas, estimulava o seu orgulho e fazia, em parte, com que aceitassem a nova disposição. As suas relações com a raça humana não eram, contudo, como tinham sido antes. Os seres humanos não odiavam menos a Quinta dos Animais, agora que estava a prosperar; na verdade, odiavam-na mais do que nunca. Todos os seres humanos acreditavam firmemente que a quinta, mais cedo ou mais tarde, iria à falência e, sobretudo, que o moinho vento seria um fracasso.

Encontravam-se nos bares e mostravam uns aos outros, através de diagramas, que o moinho estava sujeito a desmoronar-se, ou que, se se fixasse de pé, nunca trabalharia. Mas, embora contrariados, tinham revelado um certo respeito pela eficiência com que os animais resolviam os seus assuntos. Um sintoma disto era terem começado a chamar a Quinta dos Animais por este nome, deixando de fingir que se chamava Quinta Manor. Tinha também abandonado a defesa de Jones, que perdera esperança de reaver a sua quinta e fora viver para outra região. A não ser por intermédio de Whympers, não havia até agora contacto entre a Quinta dos Animais e o mundo exterior; no entanto, corriam rumores de que Napoleão estava em vias de iniciar um acordo de negócios definido, ou com o Sr. Frederick de Pinchfield, ou com o Sr. Pilkington, de Foxwood, mas nunca, dizia-se, com os dois simultaneamente.

Foi por esta altura que os porcos, subitamente, ocuparam a casa da quinta e se instalaram lá. De novo os animais pareceram recordar-se de uma resolução contrária a isto, aprovada no princípio, e de novo Squealer os convenceu de que não era assim.

Era absolutamente necessário, disse ele, que os porcos, que eram o cérebro da quinta, tivessem um lugar sossegado para trabalhar. Também dava mais dignidade ao chefe (ultimamente, quando se referia a Napoleão, chamava-lhe "chefe") viver numa casa do que numa simples pocilga. Apesar da explicação, alguns dos animais ficaram perturbados quando souberam que os porcos não só faziam as refeições na cozinha e se serviam da sala para recreio, mas também dormiam nas camas. Boxer minimizava o fato com a sua máxima usual: "Napoleão tem sempre razão!", mas Clover, que pensava lembrar-se de uma regra definida contra as camas, foi até ao fundo do celeiro e tentou decifrar os Sete Mandamentos que estavam escritos na parede. Não sendo capaz de ler mais do que letras soltas, foi procurar Muriel.

Muriel - pediu - lê-me o Quarto Mandamento. Não diz qualquer coisa sobre nunca dormir numa cama?

Com alguma dificuldade, Muriel começou a soletrar as palavras.

Diz assim: "Nenhum animal dormirá numa cama com lençóis" - anunciou finalmente.

Curiosamente, Clover não se lembrava de nenhuma menção feita a lençóis no Quarto Mandamento; mas, como estava escrito na parede, ela devia ter sido feita.

E Squealer, que por acaso ia a passar ali naquele momento, acompanhado por dois ou três cães, conseguiu colocar as coisas no seu lugar, dizendo:

ouviram dizer, camaradas, que nós agora dormimos nas camas da casa grande? E porque não? Não pensam, decerto, que alguma vez houve uma regra contra camas! Uma cama é apenas um lugar para dormir. Um monte de palha num estábulo é uma cama, bem vistas as coisas. A regra era contra os lençóis, que são uma invenção humana: Nós tiramos os lençóis da cama e dormimos entre os cobertores. E que confortáveis são as camas! Mas não tão confortáveis como nós precisamos, afianço-vos, camaradas, com todo o trabalho cerebral que temos agora, Vocês, certamente, não querem roubar-nos o nosso repouso, pois não, camaradas? Não querem ver-nos demasiado cansados, deixando de cumprir os nossos deveres, pois não? Com certeza, nenhum de vocês deseja o regresso de Jones!

De imediato os animais lhe reafirmaram que não e nada mais se disse sobre o fato de os porcos dormirem em camas na casa da quinta. E quando, uns dias mais tarde, foi anunciado que os porcos, agora, passariam a levantar-se uma hora mais tarde que os outros, também nenhum protesto se ouviu.

Quando chegou o Outono, os animais estavam cansados, mas felizes. Tinham tido um ano difícil e, depois da venda de parte do feno e dos cereais, a reserva de alimentos para o Inverno não era lá muito abundante, mas o moinho compensava tudo.

A construção ia quase a meio. Depois da colheita houve uma temporada de tempo seco e os animais trabalharam mais do que nunca, achando que valia bem a pena arrastarem-se para cima e para baixo com os blocos de pedra, se isso contribuía para elevar um pouco mais as paredes. Boxer até vinha trabalhar de noite, à luz da lua cheia, durante uma ou duas horas. Nos momentos livres, os animais passeavam à roda do moinho inacabado, admirando a solidez e perpendicularidade das paredes e espantando-se por terem sido capazes de construir algo tão imponente. Só o velho Benjamim se recusava a mostrar entusiasmo pelo moinho, embora, como de costume, não pronunciasse um único som para além do misterioso comentário de que os burros têm uma longa vida.

Novembro chegou, com os ventos furiosos de sudoeste. A construção teve de parar porque havia umidade de mais para misturar o cimento. Por fim, veio uma noite em que o temporal foi tão violento que os edifícios da quinta oscilaram nos alicerces e algumas telhas foram arrancadas do telhado do celeiro. As galinhas acordaram aterrorizadas, pois tinham todas Sonhado com um tiro ouvido ao longe. De manhã, ao saírem dos estábulos, os animais viram que o pau da bandeira tinha caído e um ulmeiro ao fundo do pomar tinha sido do como um rabanete. Tinham acabado de arrancar reparar nisso, quando um grito de desespero saiu olhos, da garganta de cada animal. Diante dos seu uma cena terrível: o moinho estava em ruínas.

Unanimemente, precipitaram-se para o local.

Napoleão, que raramente dava um passo, correu à frente de todos. Sim, lá estava, o fruto de tanta luta, reduzido aos seus alicerces, com as pedras que eles tinham partido e acarretado com tanto esforço todas espalhadas à volta.

Incapazes de falar a princípio, olhavam pesarosamente as pedras tombadas. Napoleão andava de lá para cá em silêncio, farejando o chão de vez em quando. A cauda estava hirta e estremecia vivamente de um lado para o outro, um sinal que nele significava intensa atividade mental. De repente estacou, como se tivesse tomado uma decisão.

Camaradas - disse calmamente -, sabem quem é o responsável por isto? Sabem quem é o inimigo que veio aqui durante a noite e deitou abaixo o nosso moinho? Snowball - A sua voz parecia um trovão. - Snowball fez isto! Por pura maldade, pensando poder atrasar os nossos planos e vingar-se da sua vergonhosa expulsão, esse traidor rastejou até aqui a coberto da noite e destruiu o nosso trabalho de quase um ano.

Camaradas, aqui e agora pronuncio a sentença de morte para Snowball. Concedo a medalha de "Animal Heroico de Segunda Classe" e meio alqueire de maçãs a quem o trouxer perante a justiça. Um alqueire de maçãs a quem o capturar vivo!

Os animais ficaram chocadíssimos ao saberem que Snowball podia ser culpado de tal ato. Ouviu-se um brado de indignação e todos começaram a pensar na maneira de apanhar Snowball, se ele voltasse à quinta. Quase em seguida, encontraram pegadas de porco na erva, a pouca distância do outeiro. Só podiam ser seguidas durante uns metros, mas pareciam dirigir-se a um buraco na sebe. Napoleão farejou-as profundamente e declarou-as pertencentes a Snowball. Na sua opinião, este viera provavelmente da Quinta Foxwood. Depois de examinar as pegadas, disse:

- Não percamos mais tempo, camaradas! Há trabalho a fazer.

Hoje mesmo começamos a reconstrução do moinho e levantá-lo-emos durante o Inverno, quer chova, quer faça sol.

Mostraremos a esse miserável traidor que não pode desfazer facilmente o nosso trabalho. Lembrem-se, camaradas, não pode haver alteração nos nossos planos: eles serão levados até ao fim. Para a frente, camaradas!

Viva o moinho de vento! Viva a Quinta dos Animais!

Foi um Inverno implacável. Os temporais foram seguidos de granizo e neve, e depois um gelo que não quebrou antes de meados de Fevereiro. Os animais continuavam a reconstruir o moinho o melhor que podiam, bem conscientes de que o mundo exterior os observava e os invejosos seres humanos rejubilariam e triunfariam se ele não fosse terminado dentro do prazo estabelecido.

Por puro despeito, os seres humanos fingiam não acreditar que fora Snowball que destruíra o moinho: diziam que ele se desmoronara porque as paredes eram muito finas. Os animais sabiam que não era verdade, mas, mesmo assim, foi decidido fazer desta vez as paredes com um metro de largura, em vez dos cinquenta centímetros de antes, o que implicava recolher

quantidades muito maiores de pedra. Durante muito tempo a pedreira esteve cheia de neve e nada se podia fazer. Com o tempo mais seco e frio, foram feitos alguns progressos, mas era um trabalho cruel e os animais não se sentiam tão otimistas como antes. Estavam sempre com frio e, geralmente, com fome também. Só Boxer e Clover nunca perdiam o ânimo.

Squealer fazia belos discursos sobre a alegria e dignidade do trabalho, mas os outros animais encontravam mais inspiração na força de Boxer e no seu grito infalível:

"Eu trabalharei mais!"

Em Janeiro, a comida faltou. A ração de cereais foi reduzida drasticamente e foi anunciado que seria fornecido uma ração extra de batata, para compensar. Então verificou-se que a maior parte da colheita de batata que estava empilhada se tinha queimado com a geada, pois não tinha sido devidamente tapada. As batatas estavam moles e sem cor e só algumas se aproveitavam. Durante dias a fio, os animais não tiveram mais do que palha e beterraba para comer. Pareciam estar a confrontar-se com a fome.

Era vital ocultar este fato do mundo exterior. Encorajados pelo desabamento do moinho, os seres humanos inventavam novas mentiras acerca da Quinta dos Animais. Mais uma vez faziam constar que os animais estavam todos a morrer de fome e doenças, que lutavam continuamente uns com os outros e que praticavam o canibalismo e o infanticídio. Napoleão estava bem consciente dos maus conhecimentos públicos resultados que adviriam da situação e resolveu servir-se do Sr. Whymper para espalhar a ideia contrária. Até aqui os animais pouco ou nenhum contacto tinham tido com Whymper nas suas visitas semanais: agora, contudo, alguns animais escolhidos, principalmente carneiros, foram instruídos para comentar acidentalmente aos seus ouvidos que as rações tinham sido reforçadas. Além disso, Napoleão ordenou que as arcas onde se guardavam os cereais, agora quase vazias, se enchessem de areia até à borda e que, por cima, se colocasse o que restava dos grãos e da farinha. Com um pretexto qualquer, Whymper foi levado a visitar o armazém e autorizado a dar uma vista de olhos pelas arcas. Foi, assim, enganado e continuou a contar ao mundo exterior que não havia falta de comida na Quinta dos Animais.

Não obstante, lá para o fim de Janeiro tornou-se óbvio que seria necessário arranjar mais cereais em qualquer lado. Nesta altura, Napoleão raramente aparecia em público, passava todo o tempo na casa da quinta, que tinha todas as portas guardadas por ferozes cães. Quando aparecia, fazia-o cerimoniosamente, com uma escolta de seis cães, que o rodeavam, rosnando se alguém se aproximava demasiado. Muitas vezes, nem ao domingo de manhã aparecia, mas enviava as suas ordens por um dos outros porcos, geralmente Squealer.

Um domingo de manhã, Squealer anunciou que as galinhas, que tinham acabado de entrar para pôr de novo, deviam entregar os ovos. Napoleão fizera um contrato, por intermédio do Sr. Whymper, através do qual forneceria quatrocentos ovos por semana. O seu valor seria suficiente para pagar os cereais e manter a vida na quinta até à chegada do Verão e de melhores condições.

Quando as galinhas ouviram isto, provocaram uma enorme algazarra. Já tinham sido avisadas da possibilidade de ser necessário fazerem esse sacrifício, mas nunca acreditaram que

acontecisse realmente. Tinham agora as ninhadas preparadas para chocar na Primavera e protestaram, dizendo que tirar-lhes agora os ovos era um assassinio. Pela primeira vez desde a expulsão de Jones, estava a acontecer algo semelhante a uma revolta. Chefiadas por três jovens frangas Black Minorca, as galinhas fizeram um esforço decidido para contrariar a vontade de Napoleão. O seu plano consistia em esvoaçar até às vigas e pôr os ovos ali, de modo que caíssem ao chão e se partissem. Napoleão atuou rápida e implacavelmente. Mandou cortar as rações às galinhas e decretou que qualquer animal que lhes oferecesse um grão de cereal que fosse seria punido com a morte. Os cães encarregaram-se de fazer cumprir estas ordens. Durante cinco dias as galinhas aguentaram, depois capitularam e voltaram a pôr os ovos nas suas caixas. Durante estes acontecimentos, tinham morrido nove galinhas.

Os seus corpos foram sepultados no pomar e constou que tinham morrido de coecideose. Whympers não soube de nada disto; os ovos eram devidamente entregues à camioneta de um merceeiro que vinha até à quinta uma vez por semana, para os levar.

Entretanto, nada mais se soubera das quintas vizinhas,

Foxwood ou Pinchfield. Napoleão mantinha agora com as outras quintas relações um pouco melhores que antes. No pátio havia uma pilha de madeira que ali se tinha amontoado havia dez anos, depois de se abater um grupo de faias. Estava bem seca e Whympers aconselhara Napoleão a vendê-la; tanto o Sr. Pilkington como o Sr. Frederick estavam ansiosos por comprá-la e Napoleão hesitava entre ambos, incapaz de se decidir.

Notou-se que quando parecia estar quase a chegar a acordo com Frederick, constava que Snowball estava escondido em Foxwood e, quando se inclinava para Pilkington, dizia-se que Snowball estava em Pinchfield.

Subitamente, no início da Primavera, descobriu-se um fato alarmante. Snowball visitava a quinta frequentemente durante a noite! Os animais ficaram tão perturbados que mal conseguiam dormir nos estábulos. Todas as noites, dizia-se, Snowball vinha rastejando, a coberto da escuridão, e fazia toda a espécie de patifarias: roubava cereais, entornava os baldes do leite, quebrava os ovos, calçava os alfobres, roia as cascas das árvores de fruto. Todo o mal que aparecia feito era atribuído a Snowball. Se uma janela se partia ou um esgoto se entupia, era certo alguém dizer que Snowball tinha vindo de noite e tinha feito aquilo; e, quando se perdeu a chave do armazém, toda a quinta se convenceu de que Snowball a tinha atirado para o poço. O mais curioso é que continuaram a acreditar nisto, mesmo depois de a chave perdida ter sido encontrada debaixo de um saco de farinha. Unanimemente, as vacas afirmaram que Snowball entrava nos estábulos e as mungia de noite, enquanto dormiam.

Também se dizia que os ratos, que tinham feito muitos estragos nesse Inverno, estavam de combinação com Snowball.

Napoleão ordenou que se procedesse a um rigoroso inquérito às atividades de Snowball. Com os seus cães de serviço fez um cuidadoso giro de inspeção pelos edifícios da quinta, seguido a respeitosa distância pelos outros animais. De vez em quando,

Napoleão parava e farejava o chão, procurando marcas dos pés de Snowball que, dizia ele, conseguia detectar pelo olfato.

Farejava em todos os cantos, no celeiros no estábulo das vacas, nas capoeiras, na horta, e encontrava vestígios da presença de Snowball em quase toda a parte. Encostava a tromba ao chão, aspirava profundamente várias vezes e exclamava, com uma voz terrível:

Snowball Esteve aqui. Sinto-lhe o cheiro distintamente. À palavra "Snowball" todos os cães rosnavam atterradoramente e mostravam os caninos.

Os animais estavam muito assustados. Parecia que Snowball era uma espécie de intimidação invisível, impregnada no ar que respiravam e os tipos de perigos. Uma ameaçando-os com todos s a todos para lhes dizer, noite, Squealer reuniu-o com uma expressão alarmante, que tinha uma notícia grave para comunicar. Dando pequenos saltos nervosos, gritou:

Camaradas. Foi feita uma descoberta terrível. A Quinta e Snowball vendeu-se a Frederick, de s e tirar Pinclifield, que está a planejar atacar a nossa quinta! Snowball atuará como seu guia quando o ataque se realizar. Mas há ainda pior que isso. Nós pensávamos que a revolta de Snowball tinha sido motivada pela sua vaidade e ambição. Mas estávamos enganados, camaradas.

Sabem qual era a verdadeira razão? Snowball estava ligado a Jones desde o início! Desde sempre foi agente de Jones. Tudo isto se provou através de um documentos que ele deixou cá ficar e que nós acabamos de encontrar. Para mim, isto explica muita coisa, camaradas. Não vimos como ele tentou... felizmente sem sucesso... levar-nos à derrota e destruição na Batalha do Estábulo?

Os animais ficaram estupefatos. Isto era malvadez que ultrapassava de longe o que Snowball fizera ao moinho, mas os animais demoraram alguns minutos a aceitar completamente a ideia. Todos se lembravam, ou pensavam lembrar-se, do modo como Snowball atacara à frente deles na Batalha do Estábulo, como os reagrupara e encorajara a cada carga e como se batera sem parar um instante, mesmo quando os chumbos da espingarda de Jones o feriram nas costas. A princípio, foi um pouco difícil conjugar isto com a ideia de que ele estava do lado de Jones. Até Boxer, que raramente fazia perguntas, ficou intrigado. Deitou-se, escondeu as patas da frente sob o corpo, fechou os olhos e, com grande esforço, conseguiu formular as suas dúvidas.

Eu não acredito nisso - disse ele. - Snowball lutou com bravura na Batalha do Estábulo. Eu vi-o! Não lhe demos, logo a seguir, a medalha "Animal Heroico de Primeira Classe"?

- Esse foi o nosso erro, camarada. Porque agora sabemos... está tudo escrito nos documentos secretos que encontramos... que, na verdade, tentava atrair-nos para a nossa ruína.

- Mas ele foi ferido - replicou Boxer. - Todos nós o vimos a escorrer sangue. - Isso fazia parte da conspiração! - gritou Squealer. - O tiro de Jones apenas lhe roçou pela pele.

Eu podia mostrar-vos isso, escrito por ele, se vocês fossem capazes de ler. O plano era, no momento crítico, Snowball dar o sinal para fugirmos e abandonarmos o campo ao inimigo. quase o conseguiu... digo mais, camaradas, tê-lo-ia conseguido se não fosse o nosso heroico chefe, o camarada Napoleão. Não se lembram que, no momento em que Jones e os seus homens entraram no pátio Snowball virou-se e fugiu logo, seguido de alguns animais? E não se

lembram, também, que foi no preciso momento em que o pânico se estabelecia que o camarada Napoleão tudo parecia perdido "Morte à Humanidade" e ferrou avançou, gritando:

os dentes na perna de Jones? Certamente lembram-se disso, camaradas! - Squealer continuava a balançar-se de um lado para o outro.

Agora que ele descrevia a cena de modo tão vivo, parecia que os animais se lembravam. De qualquer maneira, no momento mais crítico da batalha, recordavam que, Snowball tinha fugido. Mas Boxer ainda estava um pouco apreensivo.

Não acredito que Snowball fosse um traidor desde o princípio - disse finalmente. - O que fez depois é diferente. Mas estou convicto de que, na Batalha do Estábulo, foi um bom camarada.

- O nosso chefe, o camarada Napoleão - declarou Squealer, falando pausada e firmemente afirmou categoricamente... categoricamente, camarada... que Snowball era agente de Jones desde o princípio e muito antes de se pensar na Revolta.

Ali, isso é outra coisa! - disse Boxer. - Se o camarada Napoleão o diz, é porque é verdade.

- Esse é que é o verdadeiro espírito, camarada! gritou Squealer, mas notou-se que deitou um olhar muito desagradável a Boxer, com os seus olhinhos brilhantes. Virou-se para sair, fez uma pausa e depois acrescentou com firmeza:

Aconselho todos os animais desta quinta a manterem os olhos bem abertos, pois temos razões para pensar que há agentes secretos de Snowball ocultos entre nós neste momento!

Quatro dias mais tarde, à tardinha, Napoleão convocou todos os animais para uma reunião no pátio. Quando estavam todos reunidos, Napoleão apareceu, vindo da casa grande, ostentando as suas duas medalhas (tinha-se condecorado a si mesmo recentemente) de "Animal Heróico de Primeira Classe" e de "Animal Heroico de Segunda Classe" e com os nove cães enormes saltando à sua volta e rosnando de modo a provocar arrepios na espinha de todos os animais. Ajeitaram-se todos nos seus lugares, em silêncio, parecendo adivinhar que algo de terrível estava para acontecer.

Napoleão permaneceu de pé, examinando a assistência; depois, soltou um grito num tom muito elevado. Imediatamente os cães avançaram, agarraram quatro porcos pela orelha e arrastaram-nos, guinchando de dor e medo, até aos pés de Napoleão. As orelhas dos porcos sangravam e os cães, tendo provado o sangue, pareciam ter ficado completamente loucos por uns momentos. Para espanto de todos, três deles dirigiram-se a Boxer. Este viu-os aproximarem-se e levantou o enorme casco, apanhando um cão no ar e imobilizando-o no chão.

O cão gritou por clemência e os outros dois fugiram, com o rabo entre as pernas. Boxer olhou para Napoleão, para saber se devia esmagar o cão ou deixá-lo ir-se embora. Napoleão pareceu mudar de semblante e ordenou rispidamente a Boxer que largasse o cão, pelo que este levantou o casco e o cão escapou, ferido e a uivar.

O tumulto cessou imediatamente. Os quatro porcos esperavam, tremendo, com a culpa escrita em todas as linhas dos seus semblantes. Napoleão fê-los confessar os seus crimes. Estes eram

os tais quatro porcos que tinham protestado quando Napoleão abolira as Assembleias aos domingos. Sem ser preciso perguntar-lhes nada, confessaram ter estado em contato secreto com Snowball desde a sua expulsão, ter colaborado com ele na destruição do moinho e ter entrado num acordo com ele para entregar a Quinta dos Animais ao Sr. Frederick.

Acrescentaram que Snowball admitira ter sido agente secreto de Jones ao longo dos últimos anos.

Assim que acabaram a confissão, os cães cortaram-lhes as gargantas e Napoleão, com uma voz medonha, perguntou se mais algum animal tinha algo para confessar.

As três galinhas que tinham chefiado a tentativa de revolta por causa dos ovos avançaram e declararam que Snowball lhes aparecera num sonho e as incitara a desobedecer às ordens de Napoleão - Também foram logo mortas. Depois apresentou-se um ganso e confessou ter escondido seis espigas de trigo durante a colheita do ano anterior e tê-las comido de noite. A seguir, uma ovelha confessou haver urinado no bebedouro - instigado a isso por Snowball - e dois outros carneiros confessaram ter morto um velho carneiro, um adepto especialmente fervoroso de Napoleão, perseguindo-o à roda de uma fogueira, quando ele sofria de bronquite.

Foram todos mortos logo ali. E, assim, a série de confissões e execuções continuou, até que se formou uma pilha de cadáveres aos pés de Napoleão e o ar ficou denso com o cheiro a sangue, odor desconhecido desde a expulsão de Jones.

Quando tudo acabou, os animais que sobraram, exceção feita para os porcos e cães, retiraram-se em bloco, trêmulos e deprimidos. Não sabiam o que era mais chocante, se a traição dos animais que se tinham ligado a Snowball, se o cruel castigo a que acabavam de assistir. Nos velhos tempos houvera com frequência derramamentos de sangue igualmente terríveis, mas este era muito pior, segundo lhes parecia, porque acontecera entre animais.

Desde que Jones deixara a quinta, até agora, nenhum animal matara outro, nem mesmo um rato.

Foram até ao pequeno outeiro onde estava o moinho inacabado e deitaram-se todos, muito juntos, como que procurando calor - Clover, Muriel, Benjamin, as vacas, os carneiros e um bando de gansos e galinhas - todos, em suma, menos o gato, que desaparecera subitamente antes de Napoleão ordenar a reunião.

Durante algum tempo ninguém falou. Só Boxer permanecia de pé.

Mostrava-se inquieto, andando para a frente e para trás, agitando a sua longa cauda preta de um lado para o outro e soltando um pequeno relincho de surpresa de vez em quando.

Finalmente, disse:

- Não compreendo. Nunca pensei que coisas destas pudessem acontecer na nossa quinta. Deve ser algum erro nosso. A solução, a meu ver, é trabalhar mais. A partir de agora levantar-me-ei todas as manhãs uma hora mais cedo. E afastou-se, num trote pesado, na

direção da pedreira. Ao chegar lá, reuniu dois carregamentos sucessivos de pedra e levou-os para o moinho, antes de se recolher para dormir.

os animais amontoavam-se em torno de Clover, sem falar. O monte onde se encontravam proporcionava-lhes um amplo panorama da região. Podiam ver quase toda a quinta _ o longo campo de pastagem estendendo-se até à estrada, o campo de feno, o bosque, o bebedouro, os campos lavrados com o trigo novo e verde e os telhados vermelhos dos edifícios da quinta, com o fumo saindo em espiral das chaminés. Era um luminoso fim de tarde primaveril. A erva e as sebes floridas estavam douradas pelos baixos raios de sol. Nunca a quinta parecera aos animais tão desejável. e, com uma certa surpresa lembraram-se de que era sua, cada centímetro dela era sua propriedade.

Ao olhar para a encosta, Clover ficou com os olhos cheios de lágrimas. Se ela pudesse exprimir os seus pensamentos, teria dito que não era isto que eles tinham ambicionado quando se lançaram ao trabalho, alguns anos antes, para destronar a raça humana. O que tinham desejado naquela primeira noite em que Major os incitara à revolta não eram estas cenas de terror e carnificina. Se ela tivesse podido visionar o futuro, teria idealizado uma sociedade de animais livres da fome e do chicote, todos iguais, cada um trabalhando segundo a sua capacidade, os fortes protegendo os fracos, como ela protegera com a pata a última ninhada de patinhos, na noite do discurso de Major. Em vez disso - e ela não sabia por que - tinham chegado a um ponto em que ninguém se atrevia a dizer o que pensava, com cães ferozes e ameaçadores deambulando por todo o lado e sendo obrigados a ver os seus camaradas feitos em pedaços, depois de confessarem crimes chocantes. Não lhe passava pela cabeça revoltar-se ou desobedecer. Ela sabia que, mesmo assim, estavam muito melhor do que no tempo dos seres humanos.

Acontecesse o que acontecesse, manter-se-ia fiel, trabalharia muito, cumpriria as ordens que lhe fossem dadas e aceitaria a chefia de Napoleão. Mas não era para isto que se tinham esforçado tanto.

Não fora para isto que tinham construído o moinho e enfrentado as balas da espingarda de Jones. Tais eram os seus pensamentos, embora lhe faltassem as palavras para os exprimir.

Por fim, sentindo ter encontrado uma maneira de substituir as palavras que não encontrava, começou a cantar Animais da Inglaterra. Os outros animais, sentados à sua volta, associaram-se a ela e cantaram o hino três vezes - muito afinadamente, mas devagar e com melancolia, como nunca antes tinham feito.

Tinham acabado de cantar pela terceira vez quando Squealer, escoltado por dois cães, se aproximou com ar de quem tinha algo importante a dizer.

Anunciou que, por decreto especial do camarada Napoleão, o hino Animais da Inglaterra fora abolido. De agora em diante, era proibido cantá-lo.

Os animais ficaram espantados.

- Por quê? - gritou Muriel.

- Já não é necessário, camarada - disse Squealer severamente. - Animais da Inglaterra era o hino da Revolta.

Mas a Revolta terminou. E a execução dos traidores esta tarde foi o último ato. O inimigo externo e interno foi derrotado. Na canção Animais da Inglaterra expressávamos O nosso desejo de uma sociedade melhor nos dias futuros. Mas essa sociedade já está implantada. Portanto, a canção já não tem razão de ser.

Embora assustados, alguns dos animais provavelmente teriam protestado, mas, nesse momento, os carneiros iniciaram o seu habitual "Quatro pernas bom, duas pernas mau", que se prolongou por vários minutos e pôs fim à discussão.

Assim, o hino Animais da Inglaterra nunca mais se ouviu.

Para o substituir, o poeta Minimus compusera outra canção, que começava assim:

Quinta dos Animais, Quinta dos Animais,

Eu nunca te farei mal !

E esta canção passou a ser cantada todos os domingos de manhã, depois de içada a bandeira. Mas, aos animais que de qualquer maneira, pareceu nem na música nem na letra era melhor que Animais da Inglaterra.

Poucos dias depois, quando se dissipou o terror causado pelas execuções, alguns dos animais recordaram-se – ou pensaram recordar-se - de que o Sexto Mandamento dizia:

"Nenhum animal matará outro animal". E, embora ninguém o tivesse mencionado no interrogatório dos porcos, sentiam que estas mortes não estavam de acordo com isso. Clover pediu a Benjamin que lhe lesse o Sexto Mandamento e quando ele, como de costume, disse que não queria misturar-se nessas questões, chamou Muriel. Esta leu-lhe o Mandamento: "Nenhum animal matará outro animal sem motivo".

Sem que soubessem porquê, as duas últimas palavras não estavam na memória dos animais. Mas agora viam que o mandamento não fora violado, pois havia certamente bons motivos para matar os traidores que se tinham unido a Snowball.

Durante esse ano os animais trabalharam ainda mais arduamente que no ano anterior. Reconstruir o moinho com paredes duas vezes mais espessas do que antes e acabá-lo na data fixada, juntamente com todo o trabalho da quinta, era um tremendo esforço. Houve alturas em que lhes pareceu que trabalhavam mais horas e não se alimentavam melhor que no tempo de Jones. Aos domingos de manhã, Squealer, segurando com o pé uma longa tira de papel, lia-lhes grandes listas de números que provavam que a produção de cada classe de alimentos aumentara 200, 300, ou até 500 por cento, conforme caso. Os animais não viam razões para duvidar dele, tanto mais que já não se lembravam com clareza das condições de produção antes da Revolta. De qualquer forma, havia alturas em que prefeririam ter menos números e mais comida.

Todas as ordens eram agora transmitidas por intermédio de Squealer ou um dos outros porcos.

Napoleão só era visto em público uma vez de quinze em quinze dias. Quando aparecia, era escoltado não apenas pelo seu séquito de cães, mas também por um gatinho preto, que marchava à frente, como uma espécie de pregoeiro, e fazia có-có-ró-có antes de Napoleão falar. Na casa, dizia-se, Napoleão habitava aposentos separados dos dos outros porcos.

Fazia as refeições sozinho, guardado por dois cães e comia no serviço de jantar Crown Derby que estava no guarda-louça da sala. Foi também anunciado que a espingarda dispararia sempre uma salva no aniversário de Napoleão, tal como nas duas outras datas.

Napoleão, agora, nunca era tratado simplesmente pelo seu nome. Era sempre mencionado, em tom formal, como "Nosso Chefe, Camarada Napoleão" e os porcos gostavam de inventar para ele títulos como "Pai de Todos os Animais", "Terror da Humanidade", "Protetor do Redil", "Amigo dos Patinhos", etc.

Nos seus discursos, Squealer, com as lágrimas rolando-lhe pela cara, falava da sabedoria de Napoleão, da bondade do seu coração e do profundo amor que dedicava a todos os animais, especialmente os infelizes que ainda viviam na ignorância e escravidão nas outras quintas.

Tinha-se tornado habitual atribuir a Napoleão os louros por todos os empreendimentos bem sucedidos e golpes de sorte. Era frequente ouvir-se uma galinha comentar para outra:

Sob a orientação do nosso chefe, o camarada Napoleão, pus cinco ovos em seis dias.

Ou duas vacas, bebendo no tanque:

- Graças à chefia do camarada Napoleão, que belo gosto tem esta água!

O sentimento geral na quinta estava bem expresso num poema intitulado "Camarada Napoleão", composto por Minimus e que dizia o seguinte:

Amigo dos órfãos!

Fonte de felicidade!

Senhor dos baldes de lavagem! Oh, como a minha alma

Arde quando contemplo

Os teus olhos calmos e dominadores,

Como o sol no céu,

Camarada Napoleão!

Tu és o donatário de

Tudo o que as tuas criaturas amam,
Barriga cheia duas vezes por dia e palha
[limpa para rebolar;
Cada animal, grande ou pequeno
Dorme em paz no seu estábulo,
Tu zelas por tudo,
Camarada Napoleão!

Se eu tivesse um leitãozinho
Antes que se tornasse grande
Fosse ele magrinho ou gordo

Aprenderia a ser
Verdadeiro e fiel a ti,
Sim, o seu primeiro grito seria
"Camarada Napoleão!"

Napoleão aprovou este poema e mandou escrevê-lo na parede do celeiro grande oposta à que tinha os Sete Mandamentos. Era encimado por um, retrato seu, de perfil, executado por Squealer a tinta branca.

Entretanto, por intermédio de Whymper, Napoleão estava envolvido em complicadas negociações com Frederick e Pilkington. A pilha de madeira ainda não fora vendida. Dos dois, Frederick era o mais ansioso por adquiri-la, mas não oferecia um preço razoável. Ao mesmo tempo, circulavam rumores de que Frederick e os seus homens planeavam atacar a Quinta dos Animais e destruir o moinho, cuja construção lhe provocara grande inveja. Snowball, dizia-se, ainda estava escondido na Quinta Pinclifield. A meio do Verão, os animais ficaram alarmados ao ouvir dizer que três galinhas se tinham apresentado, confessando que, inspiradas por Snowball, tinham feito um conjuro para matar Napoleão. Foram imediatamente executadas e tomaram-se novas precauções para garantir a segurança de Napoleão. De noite, quatro cães guardavam a sua cama, um a cada canto, e um leitão chamado Pinkeye foi encarregue de provar toda a sua comida antes de lhe ser servida, não estivesse envenenada.

Por esta altura foi anunciado que Napoleão chegara a acordo com o Sr. Pilkington para a venda da pilha de madeira; ia também entrar em negociações regulares para a troca de certos produtos entre a Quinta dos Animais e Foxwood. As relações entre Napoleão e Pilkington,

embora conduzidos apenas por intermédio de Whymper, eram quase amigáveis. Os animais não confiavam em Pilkington, como ser humano que era, mas preferiam-no de longe a Frederick, que temiam e odiavam. À medida que o Verão avançava e a construção do moinho se aproximava do fim, os boatos de um iminente ataque traiçoeiro cresciam cada vez mais.

Frederick, dizia-se, tencionava trazer vinte homens, todos com armas de fogo, e tinha já subornado os juízes e a polícia para não fazerem perguntas se ele conseguisse apoderar-se dos títulos de propriedade da Quinta dos Animais. Além disso, constavam histórias terríveis sobre Pinclifield e o modo como Frederick tratava os seus animais.

Açoitava um velho cavalo até à morte, as vacas morriam à fome, matara um cão atirando-o para dentro da fornalha, divertia-se à noite fazendo os galos combaterem com bocados de lâminas de barbear amarradas aos esporões. O sangue dos animais fervia de raiva quando ouviam contar as coisas que eram feitas aos seus camaradas e, às vezes, clamavam por autorização para ir em bloco atacar a Quinta Pinclifield, expulsar os humanos e libertar os animais. Mas Squealer aconselhava-os a evitar ações precipitadas e a confiar na estratégia do camarada Napoleão.

No entanto, os sentimentos hostis a Frederick continuavam a crescer. Um domingo de manhã Napoleão apareceu no celeiro e explicou que nunca tivera a intenção de vender a madeira a Frederick; considerava abaixo da sua dignidade, disse ele, negociar com tal patife. Os pombos, que continuavam a ser enviados para espalhar as notícias sobre a Revolta, foram proibidos de pousar em qualquer ponto de Foxwood e foi-lhes ordenado que trocassem o anterior slogan «Morte à Humanidade» por «Morte a Frederick». No fim do Verão foi revelada mais uma das maquinações de Snowball.

A colheita de trigo estava cheia de joio e descobriu-se que, numa das suas visitas noturnas, Snowball misturara sementes dessa planta com as de trigo. Um ganso que fora cúmplice do conjuro confessou-o a Squealer e, logo de seguida, suicidou-se, engolindo bagas de beladona. Nesta altura os animais tomaram conhecimento de que Snowball ao contrário do que muitos pensavam – nunca recebera a medalha «Animal Heroico de Primeira Classe». Fora apenas uma fantasia espalhada algum tempo depois da Batalha do Estábulo pelo próprio Snowball. Não só estivera longe de ser condecorado, como até tinha sido repreendido por ter demonstrado cobardia durante a batalha. Mais uma vez os animais se mostraram um pouco desnorteados, mas Squealer conseguiu rapidamente convencê-los de que a memória lhes falhara.

No Outono, após um esforço tremendo, esgotante - pois a colheita tivera de ser feita quase ao mesmo tempo -, a construção do moinho terminou. O maquinismo ainda tinha de ser instalado e Whymper andava a negociar a sua aquisição, mas a estrutura estava completa. A despeito de todas as dificuldades, apesar da inexperiência, dos instrumentos rudimentares, da falta de sorte e de traição de Snowball, o trabalho tinha sido terminado pontualmente, no dia previsto! Exaustos, mas orgulhosos, os animais passeavam em redor da sua obra de arte, que agora lhes parecia ainda mais bela que quando fora construída da primeira vez.

Além disso, as paredes tinham o dobro da espessura. Desta vez, só com explosivos as conseguiriam deitar abaixo! E, quando pensaram no que tinham trabalhado, nos desencorajamentos que tinham superado e na enorme modificação que se operaria nas suas

vidas quando as velas andassem à roda e os dínamos se movessem, quando pensaram em tudo isto, o cansaço abandonou -os e pularam à volta do moinho, dando gritos de triunfo. O próprio Napoleão, escoltado pelos cães e pelo seu galito, veio inspecionar o trabalho terminado; cumprimentou pessoalmente os animais pela sua proeza e anunciou que o moinho se chamaria Moinho Napoleão.

Dois dias depois, os animais foram reunidos para uma Assembleia especial no celeiro. Ficaram mudos de espanto quando Napoleão anunciou que tinha vendido a pilha de madeira a Frederick. No dia seguinte viriam as carroças de Frederick para começar a carregá-la. Durante todo o período da sua suposta amizade com Pilkington, Napoleão estivera, na verdade, em negociações secretas com Frederick.

Todas as relações com Foxwood haviam cessado.

Mensagens insultuosas tinham sido enviadas a Pilkington. Os pombos foram avisados de que deviam evitar a Quinta Pinclifield e mudar o slogan de «Morte a Frederick» para «Morte a Pilkington».

Ao mesmo tempo, Napoleão garantiu aos animais que os boatos sobre o iminente ataque à Quinta dos Animais não tinha nenhum fundamento e as histórias sobre a crueldade de Frederick tinham sido muito exageradas. Todos estes rumores deviam ter sido originados por Snowball e pelos seus agentes.

Parecia agora que, afinal, Snowball não se escondera na Quinta Pinclifield e, na realidade, nunca na sua vida já fora; vivia, sim -e com um luxo considerável, dizia-se -, em Foxwood, sendo, de fato, ali pensionista há anos.

Os porcos ficaram extasiados com a astúcia de Napoleão. Aparentando ser amigo de Pilkington, forçara Frederick a subir doze libras o seu preço.

Mas a superioridade da inteligência de Napoleão, dizia Squealer, era demonstrada pelo fato de não confiar em ninguém, nem mesmo em Frederick.

Este quisera pagar a madeira com uma coisa chamada «cheque», que, parecia, era um bocado de papel com uma promessa de pagamento escrita. Mas Napoleão era demasiado esperto para ele e exigia o pagamento em notas de cinco libras, que seriam entregues antes de a madeira ser levada. Frederick pagara logo e essa quantia era precisamente a que precisava para comprar a maquinaria para o moinho.

Entretanto, a madeira estava a ser carregada a grande velocidade. Logo que saiu toda, teve lugar outra reunião extraordinária no celeiro, para os animais inspecionarem as notas de Frederick.

Sorrindo beatificamente e ostentando ambas as condecorações, Napoleão repousava numa cama de palha, na plataforma, com o dinheiro ao lado, cuidadosamente empilhado num prato de porcelana da cozinha da casa grande. Os animais desfilaram lentamente, contemplando à vontade. Boxer esticou o focinho para cheirar as notas do banco, fazendo com que os frágeis bocados de papel esbranquiçado se agitassem e fizessem ruge-ruge sob a sua respiração.

Três dias mais tarde, houve uma enorme algazarra. Whympers, pálido de morte, chegou apressado numa bicicleta que largou no pátio e precipitou-se na direção da casa. Momentos depois, ouviu-se um sufocante urro de raiva, vindo dos aposentos de Napoleão. A notícia do sucedido espalhou-se pela quinta como um relâmpago. As notas do banco eram falsas! Frederick recebera a madeira de graça!

Napoleão reuniu imediatamente os animais e, com voz medonha, proferiu a sentença de morte de Frederick. Quando fosse capturado, disse, Frederick seria metido vivo em água a ferver. Ao mesmo tempo, avisou-os de que, depois deste ato traiçoeiro, era de se esperar o pior. Frederick e os seus homens poderiam, a qualquer momento, desencadear o ataque há tanto tempo esperado. Foram colocadas sentinelas em todos os acessos à quinta. Além disso, foram enviados quatro pombos a Foxwood, com uma mensagem conciliatória que se esperava pudesse restabelecer as boas relações com Pilkington.

Logo na manhã seguinte deu-se o ataque. Os animais estavam a tomar o pequeno-almoço quando os vigias vieram a correr, com a notícia de que Frederick e os seus homens já tinham atravessado o portão de grades. Com considerável audácia os animais saíram logo ao seu encontro, mas desta vez não tiveram a vitória fácil que tinham tido na Batalha do Estábulo. Havia quinze homens, com meia dúzia de armas entre todos, e abriram fogo a cerca de cinquenta metros. Os animais não puderam enfrentar as terríveis explosões e as balas que queimavam e, apesar dos esforços de Napoleão e

Boxer para os reagrupar, foram logo obrigados a recuar, alguns já feridos. Refugiaram-se nos edifícios da quinta e ficaram à espreita, cautelosamente, através das fendas e dos buracos na madeira. Todo o campo de pastagem, incluindo o moinho, estava nas mãos do inimigo. De momento, até Napoleão parecia atrapalhado. Andava de um lado para o outro sem falar, com a cauda a enrolar e desenrolar. Deitavam-se olhares ansiosos na direção de Foxwood e Pilkington e os seus homens os ajudassem, ainda poderiam ganhar o dia. Mas, nesse momento, os quatro pombos que tinham sido enviados na véspera regressaram, um deles com um pedaço de papel, a resposta de Pilkington. Nele estavam escritas as palavras: «É bem feito!»

Entretanto, Frederick e os seus homens tinham parado ao pé do moinho. Os animais observavam-nos e um murmúrio de desalento percorreu-os.

Dois dos homens tinham arranjado um pé-de-cabra e um martelo de forja. Iam deitar abaixo o moinho!

- Impossível! - gritou Napoleão. - Nós construímos as paredes grossas de mais para aquilo.

Nenhuma semana conseguiriam derrubá-lo. Coragem, camaradas!

Mas Benjamin observava atentamente os movimentos dos homens. Os dois que traziam o martelo e o pé-de-cabra estavam a fazer um buraco na base do moinho. Devagar e com um ar quase divertido, Benjamin acenou o longo focinho.

Era o que eu pensava - disse. - Não veem o que eles estão a fazer? Daqui a momentos - vão por pólvora naquele buraco.

Aterrorizados, os animais esperavam. Era impossível aventurarem-se agora a sair da proteção dos edifícios. Minutos depois, viram os homens correndo em todas as direções. Depois, ouviu-se um ruído ensurdecedor. Os pombos rodopiaram no ar e todos os animais, exceto Napoleão, se atiraram para o chão, de barriga para baixo, e esconderam as caras. Quando se levantaram, uma enorme nuvem negra cobria o local onde estivera o moinho. Lentamente, a brisa foi desfazendo a nuvem. O moinho já não existia!

A vista disto, a coragem dos animais voltou. O medo e desespero que tinham sentido momentos antes foram abafados pela raiva contra este ato perverso e desprezível. Um enorme grito de vingança elevou-se no ar e, sem esperarem por novas ordens, investiram em bloco contra o inimigo. Desta vez não fizeram caso das balas implacáveis que choviam sobre eles como granizo. Era uma batalha selvagem e cruel. Os homens dispararam muitas vezes e, quando os animais se aproximaram, atacaram-nos com paus e com as suas pesadas botas.

Uma vaca, três carneiros e dois gansos foram mortos e quase todos os outros ficaram feridos. Até Napoleão, que dirigia as operações da retaguarda, ficou com a ponta da cauda lascada por uma bala.

Mas os homens também não saíram ilesos. Três deles tinham as cabeças partidas pelos cascos de Boxer; outro tinha a barriga ferida pelo corno de uma vaca; outro tinha as calças todas rasgadas, obra de Jessie e Bluebell. E quando os nove cães da guarda pessoal de Napoleão, que tinham recebido instruções para ir dar a volta a coberto da sebe, apareceram subitamente pelo flanco dos homens, ladrando ferozmente, o pânico dominou-os, pois viram que corriam o perigo de serem cercados. Frederick gritou aos seus homens que fugissem enquanto a saída ainda era possível e, momentos depois, o covarde inimigo corria para salvar a vida. Os animais perseguiram-nos mesmo até ao fundo do prado, conseguindo ainda pregar-lhes uns coices quando tentavam atravessar a sebe de espinheiros.

Tinham vencido, mas estavam abatidos e ensanguentados. Lentamente, iniciaram a caminhada em sentido inverso, coxeando. A visão dos camaradas mortos, estendidos na erva, fez chegar as lágrimas aos olhos de alguns. E, por um momento, pararam em doloroso silêncio no lugar onde tinha existido o moinho. Sim, fora-se; todo o seu trabalho se perdera! Até os alicerces estavam parcialmente destruídos. E, para o reconstruir, desta vez não poderiam, como antes, utilizar as pedras caídas. Desta vez as pedras também tinham desaparecido. A força da explosão lançara-as a distâncias de centenas de metros. Era como se o moinho nunca tivesse existido.

Quando se aproximaram da quinta, Squealer, que, inexplicavelmente, estivera ausente da luta, veio aos saltos ter com eles, abanando a cauda e sorrindo de satisfação. Os animais ouviram, vindo da direção das casas, o solene salvar de uma espingarda.

-Porque é que a espingarda está a disparar? - perguntou Boxer.

-Para celebrara nossa vitória! -gritou Squealer.

Qual vitória? - inquiriu Boxer. Os seus joelhos sangravam, perdera uma ferradura e rachado o casco e tinha uma dúzia de grãos de chumbo alojados numa das pernas traseiras.

Qual vitória, camarada? Então não expulsamos o inimigo do nosso solo... o solo sagrado da Quinta dos Animais?

Mas eles destruíram o moinho. E nós trabalhamos nele durante dois anos!

Que interessa isso? Nós construiremos outro moinho. Se quisermos, podemos construir seis moinhos, camarada; não estás a dar valor ao nosso grandioso feito. O inimigo tinha ocupado este terreno onde nos encontramos. E agora, graças à chefia do camarada Napoleão, reconquistamos cada centímetro dele!

- Então reconquistamos o que já era nosso - disse Boxer.

É essa a nossa vitória - Concluiu Squealer.

Arrastaram-se, coxeando, até ao pátio. Os chumbos, na perna de Boxer, causavam-lhe dores agudas. Antevia à sua frente a pesada tarefa de reconstruir o moinho desde os alicerces e já se imaginava a empreender esse trabalho. Mas, pela primeira vez, ocorreu-lhe que tinha 11 anos e que talvez os seus grandes músculos já não tivessem a força de antigamente.

Mas quando os animais viram a bandeira verde esvoaçando, ouviram a espingarda disparando outra vez - ao todo foram sete salvas - e escutaram o discurso de Napoleão felicitando-os pela sua conduta, convenceram-se de que, afinal, tinham obtido uma grande vitória. Os animais mortos na batalha tiveram um funeral solene. Boxer e Clover puxaram a carroça que fez de carro fúnebre e o próprio Napoleão liderou o cortejo. As celebrações duraram dois dias inteiros. Houve canções, discursos, mais salvas e um presente especial de uma maçã para cada animal, mais duas onças de milho para cada pássaro e três biscoitos para cada cão.

Foi anunciado que a batalha se chamaria Batalha do Moinho e que Napoleão criara uma nova condecoração, a «Ordem da Bandeira Verde», que logo conferiu a si mesmo. No meio das comemorações, o desagradável caso das notas falsas foi esquecido.

Foi uns dias depois disto que os porcos encontraram por acaso uma caixa de uísque nas caves da quinta. Não tinham dado por ela quando a casa fora ocupada. Nessa noite ouviu-se, vindo da casa, o som de uma grande cantoria e, para surpresa de todos, misturados aos acordes de outras canções, podiam ouvir-se também os de Animais da Inglaterra. Por volta das nove e meia, Napoleão, usando um velho chapéu de coco do Sr. Jones, foi visto distintamente a sair pela porta das traseiras, galopando rapidamente à volta do pátio e entrando de novo.

Mas de manhã um profundo silêncio envolvia a casa. Não havia qualquer espécie de movimento por parte dos porcos. Eram quase nove horas quando Squealer fez a sua aparição, andando lentamente e com um ar abatido, os olhos embaciados, a cauda molemente caída e com toda a aparência de estar seriamente doente. Reuniu os animais e disse-lhes que tinha uma notícia terrível para lhes comunicar: o camarada Napoleão estava a morrer!

Ecoou um grito de desespero. Bocados de palha foram colocados defronte das portas da casa grande e os animais andavam em bicos de pés. Com lágrimas nos olhos perguntavam uns aos outros o que fariam se o seu chefe lhes faltasse. Corria o rumor de que Snowball, afinal, conseguira introduzir veneno na comida de Napoleão. Às onze horas, Squealer apareceu com

outra notícia: como seu último ato na terra, o camarada Napoleão decretara que beber álcool seria punido com a pena de morte.

À tarde, contudo, Napoleão pareceu melhorar e, na manhã seguinte, Squealer pôde comunicar-lhes que se encontrava em franca recuperação.

Nessa mesma noite, Napoleão voltou ao trabalho e no dia seguinte soube-se que instruíra Whymper no sentido de adquirir alguns livros sobre fabricação de cerveja e destilação. Uma semana mais tarde, Napoleão ordenou que o pequeno cercado atrás do pomar, que fora reservado para terreno de pasto dos animais que já não podiam trabalhar, fosse lavrado. Deu como razão que era preciso semear erva nova, porque o pasto estava seco; mas, ao fim de pouco tempo, soube-se que Napoleão tencionava semear cevada.

Por essa altura, sucedeu um estranho incidente que quase ninguém compreendeu. Uma noite, por volta das vinte e quatro horas, ouviu-se um grande estrondo no pátio e os animais saíram à pressa dos estábulos. Era uma noite de Lua cheia. Junto da parede do celeiro grande, onde estavam escritos os Sete Mandamentos, estava uma escada partida em dois bocados. Squealer, momentaneamente atordoado, estava estatelado ao seu lado; junto estava uma lanterna, um pincel e uma lata de tinta branca entornada. Os cães imediatamente fizeram um círculo em volta de Squealer e escoltaram-no até à casa mal ele pôde andar. Nenhum dos animais foi capaz de fazer uma ideia do que aquilo significava, exceto o velho Benjamin, que acenou com o focinho com um ar entendido e pareceu compreender, mas não disse nada.

No entanto, uns dias mais tarde, Muriel, lendo para si mesma os Sete Mandamentos, notou que havia ainda outro de que não se lembrava bem.

Tinha ideia de que o Quinto Mandamento era «Nenhum animal beberá álcool», mas tinha-se esquecido de duas palavras. Na verdade, o Mandamento dizia: «Nenhum animal beberá álcool em excesso».

O ferimento que Boxer tinha na pata demorou muito tempo a sarar. Quando terminaram as comemorações da vitória, começou a reconstrução do moinho. Boxer recusou-se a ter um único dia de repouso e tomou como ponto de honra não deixar que os outros percebessem que sopita. A noite, em particular com Clover, admitia que o casco o incomodava bastante. Clover tratava-o com cataplasmas de ervas mastigados por ela própria e tanto ela como Benjamin o aconselhavam a trabalhar menos.

Os pulmões de um cavalo não duram sempre dizia-lhe ela.

Mas Boxer não fazia caso. Dizia já só ter uma ambição: ver o moinho bem adiantado antes de atingir o limite de idade.

Ao princípio, quando foram formuladas as leis da Quinta dos Animais, a idade da reforma fora fixada em 12 anos para os cavalos e porcos, 14 para as vacas, 9 para os cães, 7 para os carneiros e 5 para as galinhas e gansos. Tinham sido acordadas boas pensões de velhice. Até agora nenhum animal se reformara, mas, nos últimos tempos, o assunto andava a ser cada vez mais discutido. Agora que o pequeno terreno atrás do pomar fora reservado para a cevada, constou que um canto do campo de pastagem seria vedado e reservado aos animais

aposentados. Para um cavalo, dizia-se, a pensão seria dois quilos e meio de cereais por dia e, no Inverno, sete quilos e meio de feno e uma cenoura ou, possivelmente, uma maçã nos dias feriados. Boxer ia fazer 12 anos no Verão seguinte.

Entretanto, a vida não era fácil. O Inverno decorria tão frio como o anterior e a comida era ainda mais escassa. Mais uma vez, todas as rações foram reduzidas, exceto as dos cães e porcos. Uma igualdade demasiado rígida nas rações, explicou Squealer, seria contrária aos princípios do Animalismo. De qualquer modo, não teve dificuldade em provar aos outros animais que, na realidade, não havia falta de comida, apesar das aparências. Na verdade, agora fora considerado necessário fazer um reajustamento nas rações (Squealer falava sempre em reajustamento, nunca em «redução»), mas, em comparação com o tempo de Jones, o progresso era enorme. Lendo-lhes números, em voz rápida e esganiçada, provou com pormenores que tinham mais aveia, mais feno, mais nabos do que no tempo de Jones, que trabalhavam menos horas, que a água que bebiam era de melhor qualidade, que viviam mais tempo, que a mortalidade infantil era menor, que tinham mais palha nos estábulos e sofriam menos com as pulgas. Os animais acreditavam em tudo. Em boa verdade, Jones e tudo o que ele representava quase desaparecera das suas memórias. Sabiam que a vida era agora dura e triste, que muitas vezes tinham fome e frio e que, quando não estavam a dormir, estavam sempre a trabalhar. Mas não havia dúvida de que tinha sido pior nos velhos tempos. Dava-lhes satisfação acreditar nisto. Além do mais, naquela altura eram escravos e agora eram livres e isso mareava a diferença, como Squealer fazia questão de salientar.

Agora havia muito mais bocas para alimentar.

No Outono as quatro porcas tinham parido, quase simultaneamente, trinta e um leitões ao todo. Os leitões eram malhados e, como Napoleão era o único varão na quinta, era possível adivinhar-lhes a ascendência. Foi anunciado que mais tarde, quando se comprasse madeira e tijolos, seria construída uma escola no jardim da quinta. Entretanto, os leitões recebiam lições do próprio Napoleão, na cozinha. Faziam exercícios no jardim e eram desencorajados de brincar com os outros animais jovens. Por esta altura também foi decretado que, quando um porco se cruzasse com outro animal no caminho, este desviar-se-ia para o deixar passar; e também que todos os porcos, fosse qual fosse a sua posição, teriam o privilégio de usar ao domingo uma fita verde na cauda.

A quinta tivera um ano razoavelmente produtivo, mas ainda havia falta de dinheiro. Era preciso comprar tijolos, areia e cal para a escola e também era necessário voltar a juntar o dinheiro para a maquinaria do moinho. Depois, era preciso petróleo e velas para a casa, açúcar para a mesa de Napoleão (que o proibira aos outros porcos, com o argumento de que fazia engordar) e tudo aquilo que, normalmente, é necessário renovar, como ferramentas, pregos, cordas, carvão, arame, ferro e biscoitos para cão. Vendeu-se algum feno e parte da colheita de batata e o contrato dos ovos aumentou para seiscentos por semana, de modo que, nesse ano, as galinhas tiveram dificuldade em chocar pintos em número suficiente para manter os números ao mesmo nível. As rações, reduzidas em Dezembro, foram de novo reduzidas em Fevereiro e o uso de lanternas nos estábulos foi proibido, para poupar petróleo. Mas os porcos pareciam viver confortavelmente e, realmente, continuavam a engordar.

Uma tarde, em fins de Fevereiro, pairou sobre o pátio um odor quente, profundo e apetitoso, como os animais nunca tinham sentido, vindo da pequena casa de fermentação que tinha deixado de servir no tempo de Jones e ficava atrás da cozinha. Alguém disse que era o cheiro de cevada cozinhada. Os animais cheiravam avidamente o ar e pensavam que lhes estavam a preparar uma refeição quente para a ceia. Mas nada apareceu e, no domingo seguinte, foi anunciado que, daí em diante, toda a cevada seria reservada aos porcos. O campo atrás do pomar já tinha sido semeado com cevada. Em breve se soube que cada porco recebia agora uma ração diária de meio litro de cerveja e Napoleão dois litros e meio, que lhe eram servidos numa terrina de sopa do serviço de louça Crown Derby.

Mas se era preciso suportar privações, estas eram parcialmente compensadas pela maior dignidade que tinha a vida, comparando com os velhos tempos. Havia mais cantigas, mais discursos, mais cortejos. Napoleão decretara que, uma vez por semana, se levaria a efeito uma coisa chamada Manifestação Espontânea, cujo objectivo era o de celebrar as lutas e triunfos da Quinta dos Animais.

À hora marcada, os animais deixavam as suas tarefas e marchavam em formação militar à volta do recinto da quinta, com os porcos à frente, depois os cavalos, as vacas, os carneiros e, finalmente, as aves. Os cães fianqueavam o cortejo e, à frente de todos, marchava o galito preto de Napoleão. Boxer e Clover transportavam sempre a bandeira verde com o casco e o corno e as palavras «Viva o Camarada Napoleão!». Em seguida recitavam-se poemas compostos em honra de Napoleão e Squealer fazia um discurso, dando pormenores sobre os últimos aumentos na produção alimentar, após o que se disparava um tiro de espingarda. Os carneiros eram os mais entusiastas adeptos da Manifestação Espontânea e, se alguém se queixava (como alguns faziam, quando não havia porcos nem cães por perto), de que aquilo era uma perda de tempo e significava ficar muito tempo ao frio, era silenciado pelos carneiros com a tremenda berraria de «Quatro pernas bom, duas pernas mau!». Mas, regra geral, os animais gostavam destas celebrações.

Achavam confortante recordar que, afinal, eram senhores de si próprios e que o trabalho que executavam era para o seu próprio bem. Assim, com as cantigas, os desfiles, as listas de números lidos por Squealer, o troar da espingarda, o cantar do galito e o esvoaçar da bandeira, conseguiam esquecer que as suas barrigas estavam vazias parte do tempo.

Em Abril, a Quinta dos Animais foi proclamada República e tornou-se necessário eleger um presidente. Havia um só candidato, Napoleão, que foi eleito por unanimidade. No mesmo dia soube-se que tinham sido descobertos novos documentos que revelavam mais pormenores sobre a cumplicidade de Snowball com Jones. Verificava-se agora que Snowball não se limitara a tentar provocar a derrota na Batalha do Estábulo por meio de estratagemas, como os animais tinham pensado, mas combatera abertamente ao lado de Jones. Na realidade, fora ele o chefe das forças humanas e entrara na batalha com as palavras «Viva a Humanidade» na boca. As feridas nas costas de Snowball, que alguns dos animais se lembravam ainda de ter visto, tinham sido provocados pelos dentes de Napoleão.

No meio do Verão, o corvo Moses reapareceu inesperadamente na quinta, depois de vários anos de ausência. Não tinha mudado nada, continuava a não trabalhar e falava, com a mesma

disposição de sempre, da tal Montanha de Açúcar. Pousava num tronco, batia as asas negras e falava ininterruptamente para quem o quisesse ouvir.

- Lá em cima, camaradas - dizia solenemente, apontando para o céu com o seu grande bico -, lá em cima, mesmo atrás daquela nuvem escura que estão a ver, fica a Montanha de Açúcar, esse ditoso país onde nós, pobres animais, repousaremos dos nossos trabalhos para sempre.

Afirmava mesmo ter lá estado, num dos seus voos mais altos, e ter visto os eternos campos de trevo e os bolos de linhaça e torrões de açúcar crescendo nas sebes. Muitos animais acreditavam nele. As suas vidas, agora, pensavam eles, eram de fome e de trabalho; não era razoável e justo que houvesse em qualquer parte um mundo melhor? Uma coisa difícil de entender era a atitude dos porcos para com Moses. Todos declaravam desdenhosamente que as suas histórias sobre a Montanha de Açúcar eram falsas, mas, apesar disso, deixavam-no permanecer na quinta, sem trabalhar e com autorização para beber um decilitro e meio de cerveja por dia.

Boxer, depois de curado do seu ferimento, trabalhou com mais afinco que nunca. Na verdade, nesse ano todos os animais trabalharam como escravos. Além do habitual serviço da quinta e da reconstrução do moinho, havia a escola para os leitões, cuja construção começou em Março. As vezes, as longas horas de trabalho, com alimentação insuficiente, custavam a suportar, mas Boxer nunca vacilava. Em nada do que dizia ou fazia se viam indícios de estar a perder a força. Só a sua aparência estava um pouco alterada; a sua pele perdera o brilho de outros tempos e os seus grandes quadris pareciam ter encolhido. Os outros diziam:

Boxer restabelecer-se-á quando vier a erva da Primavera.

Mas a Primavera chegou e Boxer não engordou.

Às vezes, na rampa que levava ao cimo da pedreira, quando aplicava os seus músculos contra o peso dos enormes blocos de pedra, parecia que a única coisa que o mantinha de pé era a vontade de continuar.

Nessas alturas, podia ver-se a sua boca formar as palavras «Eu trabalharei mais»; a voz já lhe faltava. Uma vez mais, Clover e Benjamin aconselharam-no a tomar cuidado com a saúde, mas Boxer não fez caso. O seu 12. aniversário aproximava-se. Não lhe interessava o que pudesse acontecer, desde que fosse acumulada uma boa porção de pedra antes de se reformar.

No fim do Verão, uma noite, correu pela quinta um súbito rumor de que alguma coisa acontecera a Boxer. Saiu sozinho para levar um carregamento de pedra para o moinho. O rumor era, afinal, verdadeiro. Poucos minutos depois, dois pombos vieram apressados com a notícia.

Boxer caiu! Está deitado de lado e não consegue levantar-se!

Cerca de metade dos animais precipitou-se para o outeiro onde estava o moinho. Lá estava Boxer, entre os varais da carroça, com o pescoço esticado, sem conseguir sequer erguer a cabeça. Os olhos estavam vidrados, as ilhargas cobertas de suor. Um fio de sangue saía-lhe pela boca. Clover ajoelhou-se ao seu lado, gritando:

- Boxer! Como estás?

- E o meu pulmão - disse Boxer com voz fraca.

Não faz mal. Penso que vocês poderão terminar o moinho sem mim. Está aqui uma grande quantidade de pedra acumulada. De qualquer maneira, só me faltava um mês para a reforma. Para dizer a verdade, já ansiava por ela. E talvez, como Benjamin também está a envelhecer, o deixem reformar-se na mesma altura, para me fazer companhia.

Temos de pedir ajuda imediatamente - disse Clover. -Vá alguém a correr avisar Squealer do que aconteceu.

Todos os outros animais se precipitaram de imediato para a casa da quinta, para dar a notícia a Squealer. Só ficaram Clover e Benjamin, que se deitou ao lado de Boxer e, sem falar, começou a enxotar as moscas de cima dele, com a sua longa cauda. Cerca de um quarto de hora depois apareceu Squealer, cheio de piedade e preocupação. Disse que o camarada Napoleão demonstrara profunda angústia ao saber do desastre sucedido a um dos mais leais trabalhadores da quinta e já estava a fazer os preparativos para mandar Boxer para o hospital de Willingdon. Os animais sentiram-se um pouco inquietos com esta notícia. Excetuando Mollie e Snowball, nenhum outro animal tinha saído da quinta e não lhes agradava a ideia de que o seu camarada doente ia parar às mãos dos seres humanos. Contudo, Squealer convenceu-os facilmente de que o médico veterinário de Willingdon podia tratar Boxer muito melhor do que eles ali na quinta. E, meia hora depois, quando Boxer recuperou um pouco, levantou-se com dificuldade e conseguiu, coxeando, arrastar-se até ao estábulo onde Clover e Benjamin lhe tinham preparado uma boa cama de palha.

Nos dois dias seguintes, Boxer ficou no estábulo.

Os porcos tinham mandado uma grande garrafa com um remédio cor-de-rosa que encontraram no armário dos medicamentos da casa de banho e

Clover dava-lho duas vezes por dia, depois das refeições. A noite ficava ao pé dele a conversar, enquanto Benjamin enxotava as moscas de cima dele. Boxer afirmava não ter pena do que lhe acontecera. Se recuperasse bem, podia esperar viver mais três anos e ansiava pelos dias tranquilos que passaria no canto da grande pastagem. Seria a primeira vez que iria ter tempo para estudar e instruir-se. Tencionava, dizia ele, dedicar o resto da sua vida a aprender as restantes vinte e duas letras do alfabeto.

No entanto, Benjamin e Clover só podiam estar com Boxer depois das horas de trabalho e foi a meio do dia que a carroça veio para o levar. Os animais estavam todos a trabalhar na monda dos nabos, sob a vigilância de um porco, quando foram surpreendidos por Benjamin, que vinha dos estábulos a galope, zurrando a plenos pulmões. Era a primeira vez que viam Benjamin excitado - em boa verdade, era a primeira vez que alguém o via a galopar. gritou ele. -venham

-Depressa, depressa! imediatamente! Estão a levar Boxer!

Sem esperar ordens do porco, os animais abandonaram o trabalho e correram para os edifícios.

De facto, lá estava um grande carroção fechado no pátio, puxado por dois cavalos, com inscrições dos lados e, no lugar do cocheiro, um homem magricela com chapéu de coco. O estábulo de Boxer estava vazio.

Os animais juntaram-se à roda da carroça, gritando em coro:

- Adeus, Boxer! Adeus!

-Tolos! Tolos! -gritou Benjamin, empinando-se e batendo com os pequenos cascos no chão. - Tolos! Vocês não veem o que está escrito nessa carroça?

Os animais pararam um pouco e fez-se silêncio.

Muriel começou a soletrar as palavras. Mas Benjamin empurrou-a para o lado e, no meio de um silêncio mortal, leu:

«Alfred Simmonds, Magarefe e fabricante de grude, Willingdon. Negociante de couros e ossos.

Fornecedor de canis. Não compreendem o que isto quer dizer? Vão levar Boxer para o matadouro!

Um grito de horror explodiu em todos os animais.

Nesse momento, o cocheiro chicoteou os cavalos e a carroça saiu do pátio com ligeireza. Os animais seguiram-na, gritando o mais alto que podiam. Clover abriu caminho à força, passando à frente dos outros. A carroça começou a ganhar velocidade.

Clover impulsionou os seus sólidos membros, tentando galopar e quase conseguiu.

- Boxer! - gritava ela. - Boxer! Boxer! Boxer! E nesse preciso instante, como se tivesse ouvido o barulho lá fora, a cabeça de Boxer, com a risca branca no focinho, apareceu na pequena janela traseira da carroça.

-Boxer! - gritou Clover numa voz terrível. - Boxer! sai daí! Sai depressa! Eles vão matar-te!

Todos os animais gritavam em coro:

-Sai, Boxer, sai!

Mas a carroça já ia muito depressa e afastava-se deles. Não era certo se Boxer compreendera o que Clover lhe dissera. Mas um momento depois a sua cabeça desapareceu da janela e ouviu-se um grande barulho de cascos dentro da carroça. Estava a tentar sair. Tem os houvera em que alguns coices dos cascos de Boxer chegariam ara reduzir a carroça de migalhas. Mas, desgraçadamente, a força abandonara-o; e, em pouco tempo, o bater dos cascos foi-se tornando cada vez mais fraco e, depois, deixou de se ouvir. Desesperados, os animais começaram a suplicar aos dois cavalos que puxavam a carroça que parassem.

-Camaradas, camaradas! gritavam – Não levem o vosso irmão para a morte!

Mas os estúpidos animais, demasiado ignorantes para perceber o que se passava, limitaram-se a inclinar as orelhas para trás e apressaram o passo. A cabeça de Boxer não tornou a aparecer

na janela. Tarde de mais, alguém teve a ideia de correr, passando-lhes à frente, e fechar o portão de grades; mas, no momento seguinte, a carroça passava por ele, desaparecendo rapidamente na estrada.

Boxer nunca mais foi visto.

Três dias mais tarde foi anunciado que morrera no hospital de Willingdon, apesar de ter recebido toda a atenção que um cavalo pode receber. Squealer veio dar a notícia aos outros. Tinha estado junto de Boxer, disse, durante as suas últimas horas.

- Foi a cena mais comovente a que já assisti! - declarou Squealer, erguendo a pata e enxugando uma lágrima. - Estava ao seu lado no último momento. E, no fim, demasiado fraco para falar, murmurou ao meu ouvido que a sua única mágoa era morrer sem ver o moinho construído. «Para a frente, camaradas!», sussurrou ele. «Para a frente em nome da Revolta! Viva a Quinta dos Animais! Viva o camarada Napoleão! Napoleão tem sempre razão.» Estas foram as suas últimas palavras, camaradas.

De repente, a atitude de Squealer mudou. Ficou calado um momento e os seus pequenos olhos dirigiram olhares desconfiados de um lado para o outro, antes de prosseguir.

Tinha chegado ao seu conhecimento, disse, que circulara um tolo e malévolo boato quando da partida de Boxer. Alguns dos animais tinham notado que na carroça que levava Boxer estava escrito «Magarefe» e tinham imediatamente concluído que Boxer estava a ser enviado para o matadouro. Era quase inacreditável, continuou Squealer, que um animal pudesse ser tão estúpido.

Certamente... - gritou, indignado, sacudindo a cauda e balançando-se de um lado para o outro -, certamente conhecem o vosso adorado chefe, o camarada Napoleão! Mas a explicação, de fato, era muito simples. A carroça tinha pertencido ao magarefe e fora comprada pelo veterinário, que ainda não lhe tirara o antigo nome. Assim surgiu o mal-entendido.

Os animais ficaram imensamente aliviados ao ouvir isto. E quando Squealer continuou com os pormenores sobre a cama onde Boxer morrera, os cuidados com que fora tratado e os dispendiosos medicamentos que Napoleão pagara sem olhar ao preço, as suas últimas dúvidas e o desgosto que sentiam com a morte do seu camarada foram atenuados pela ideia de que ao menos morrera feliz.

No domingo a seguir, Napoleão apareceu na reunião e pronunciou um pequeno discurso em memória de Boxer. Disse não ter sido possível trazer os restos mortais do saudoso camarada para serem sepultados na quinta, mas ordenara que fosse feita uma grande coroa com os louros que havia na casa, para mandar colocar na campa de Boxer. E, dentro de poucos dias, os porcos tencionavam fazer um banquete em honra de Boxer. Napoleão terminou o seu discurso recordando as duas máximas favoritas de Boxer: «Eu trabalharei mais» e «O camarada Napoleão tem sempre razão» - máximas que deviam ser adaptadas por todos.

No dia marcado para o banquete, uma carroça da mercearia veio de Willingdon e entregou um grande caixote de madeira na casa da quinta. Nessa noite ouviu-se ruidosa cantoria, seguida do que pareceu ser uma violenta discussão, que terminou cerca das onze horas com um

tremendo barulho de vidros partidos. No dia seguinte ninguém na casa se mexeu antes do meio-dia e correu o rumor de que em algum lugar os porcos tinham arranjado dinheiro para comprar outra caixa de garrafas de uísque.

Passaram-se anos. As estações sucediam-se, a curta vida dos animais passava rapidamente. Chegou uma altura em que já ninguém se lembrava dos velhos tempos anteriores à Revolta, exceto Clover, Benjamin, o corvo Moses e alguns dos porcos.

Muriel morrera; Bluebell, Jessie e Pincher tinham morrido. Jones também falecera – falecera num asilo para alcoólicos, noutra parte do país.

Snowball fora esquecido. Ninguém se lembrava de Boxer, exceto os poucos que o tinham conhecido.

Clover era agora uma velha e gorda égua, com as articulações presas e uma tendência para ter reuma nos olhos. Já ultrapassara em dois anos a idade da reforma, mas a verdade é que nenhum animal se reformara. Os planos para reservar um canto da pastagem aos animais aposentados tinham sido há muito abandonados. Napoleão transformara-se num porco de mais de cento e cinquenta quilos.

Squealer estava tão gordo que quase não conseguia ver. Só o velho Benjamin estava praticamente na mesma, excetuando o focinho, que estava um pouco grisalho e o fato de estar mais rabugento e taciturno do que nunca, desde a morte de Boxer.

Agora havia muito mais criaturas na quinta, embora o aumento não fosse tão grande como se esperava em anos anteriores. Para muitos animais, nascidos recentemente, a Revolta era apenas uma obscura tradição, que corria de boca em boca, e outros, que haviam sido comprados, nunca tinham ouvido falar em tal coisa antes de ali chegarem. A quinta tinha agora três cavalos, além de Clover.

Eram uns animais aprumados, trabalhadores e bons camaradas, mas muito estúpidos. Nenhum deles mostrou ser capaz de aprender o alfabeto para além da letra B. Aceitavam tudo o que lhes contavam sobre a Revolta e sobre os princípios do Animalismo, especialmente quando era dito por Clover, por quem tinham um respeito quase filial; mas era duvidoso que percebessem muito do que ouviam.

A quinta era agora mais próspera e estava melhor organizada; tinha sido aumentada, com dois terrenos comprados ao Sr. Pilkington. O moinho, finalmente, fora terminado com êxito, a quinta possuía a sua própria debulhadora e um elevador para o feno e novos edifícios tinham sido construídos. Whymper comprara uma charrete. O moinho, afinal, não estava a ser utilizado para obter energia elétrica. Era usado para moer cereais e dava bons lucros. Os animais trabalharam duramente, até conseguirem construir outro moinho; quando esse estivesse pronto, tinham-lhes dito, seriam instalados os dínamos. Mas dos luxos com que Snowball fizera os animais sonhar, os estábulos com luz elétrica e água quente e fria, a semana de três dias, já ninguém falava. Napoleão denunciara tais ideias como contrárias ao espírito do Animalismo. A verdadeira felicidade, dizia, consistia em trabalhar arduamente e viver frugalmente.

De algum modo, parecia que a quinta enriquecera sem que os animais se tornassem mais ricos - excetuando, claro, os porcos e os cães. Talvez em parte isto acontecesse por haver tantos porcos e cães. Não que estas criaturas não trabalhassem: faziam -no à sua maneira. Como Squealer incansavelmente explicava, o trabalho de supervisão e organização da quinta era interminável. Muito deste trabalho era de um tipo que os outros animais, demasiado ignorantes, não compreendiam.

Por exemplo, os porcos dispendiam diariamente grande parte do tempo com coisas misteriosas chamadas «arquivos», relatórios, «minutas» e «memorandos». Grandes folhas de papel tinham de ser rigorosamente preenchidas e, logo de seguida, eram queimadas na fomalha. Isto era da mais alta importância para o bem-estar da quinta, dizia Squealer. No entanto, nem os porcos nem os cães produziam alimentos com o seu trabalho; eram muitos e tinham sempre bom apetite. Quanto aos outros, tanto quanto sabiam, a sua vida era como sempre fora. Geralmente, tinham fome, dormiam na palha, bebiam no tanque, trabalhavam nos campos; no Inverno tinham problemas com o frio e, no Verão, com as moscas. As vezes, os mais velhos torturavam as suas obscuras memórias, tentando recordar se nos primeiros tempos da Revolta, quando a expulsão de Jones ainda era recente, as coisas tinham sido melhores ou piores do que agora. Mas não conseguiam lembrar-se. Não havia nada com que pudessem comparar a sua presente situação: não se podiam basear em nada senão nas listas de números que Squealer apresentava, que invariavelmente demonstravam que estava cada vez melhor.

O problema parecia-lhes insolúvel; de qualquer maneira, tinham pouco tempo para pensar nestas coisas. Somente o velho Benjamin afirmava lembrar-se de cada pormenor da sua longa vida e saber que as coisas nunca tinham sido nem poderiam vir a ser muito melhores ou muito piores - sendo a fome, dureza e desapontamento, dizia, a inalterável lei da vida.

Ainda assim, os animais nunca perdiam a esperança. Mais, nunca perderam, nem por um instante, o sentimento da honra e do privilégio de fazerem parte da Quinta dos Animais. Ainda era única quinta em toda a região - em toda a Inglaterra - que pertencia a animais e era dirigida por animais.

Nenhum deles, nem os mais novos, nem mesmo os recém-chegados, trazidos de quintas situadas a vinte ou trinta quilômetros, deixava de se extasiar com isto. E, quando ouviam disparar a espingarda e viam a bandeira verde flutuando no mastro, os seus corações palpitavam, cheios de orgulho, e as conversas voltavam sempre aos velhos tempos heroicos, a expulsão de Jones, à elaboração dos Sete Mandamentos, às grandes batalhas em que os seres humanos tinham sido derrotados. Nenhum dos velhos sonhos fora esquecido. Ainda acreditavam na República dos Animais que Major pressagiara, em que os campos verdes da Inglaterra deixassem de ser percorridos por pés humanos. Um dia chegaria: podia não ser em breve, podia não ser durante o tempo de vida de qualquer dos animais agora existentes, mas ainda chegaria. Até a melodia de Animais da Inglaterra era cantarolada aqui e ali em segredo; de qualquer modo, era um fato que todos os animais da quinta a conheciam, embora ninguém se atrevesse a cantá-la em voz alta a sua vida podia ser árdua e nem todas as suas aspirações se tinham realizado, mas tinham a consciência de não serem como os outros animais. Se passavam fome, não era por terem de alimentar os tiranos seres humanos; se trabalhavam

duramente, pelo menos faziam-no para si próprios. Entre eles, nenhuma criatura andava com dois pés. Nenhuma criatura chamava «Amo» a outra. Todos os animais eram iguais.

Um dia, no princípio do Verão, Squealer ordenou aos carneiros que o seguissem e conduziu os a um terreno vazio no outro extremo da quinta, cheio de rebentos de videiro. Os carneiros passaram o dia inteiro comendo as folhas, sob a vigilância de Squealer. A tardinha, este regressou a casa, mas, como ainda estava calor, disse aos carneiros que ficassem onde estavam. Acabaram por ficar ali uma semana inteira, durante a qual os outros animais não lhes puseram a vista em cima. Squealer passava a maior parte do dia com eles. Dizia estar a ensinar-lhes uma nova canção, para o que necessitavam de isolamento.

Foi logo depois de os carneiros retomarem, num agradável fim de tarde em que os animais tinham terminado o trabalho e regressavam aos edifícios da quinta, que se ouviu, vindo do pátio, o terrível relincho de um cavalo. Sobressaltados, os animais estacaram. Era a voz de Clover. Relinchou de novo e todos os animais desataram a correr, precipitando-se para o pátio. Viram, então, o que Clover tinha visto.

Era um porco andando sobre as patas traseiras.

Sim, era Squealer. Um pouco desajeitadamente, como se não estivesse habituado a suportar o seu peso considerável naquela posição, mas com perfeito equilíbrio, passeava pelo pátio. Logo a seguir, saiu pela porta da casa uma longa fila de porcos, todos caminhando sobre as patas traseiras. Alguns faziam no melhor que outros, um ou dois estavam mesmo um pouco trêmulos, parecendo que apreciariam o apoio de uma bengala, mas todos eles completaram a caminhada com sucesso. E, no fim, ouviu-se um tremendo ladrar de cães e o cantar estridente do galito preto e surgiu o próprio Napoleão, majestosamente ereto, lançando olhares arrogantes para um e outro lado, com os cães saltitando à sua volta.

Na pata trazia um chicote.

Fez-se um silêncio de morte. Espantados, aterrorizados, todos muito juntos, os animais observavam o longo cortejo de porcos marchando vagorosamente pelo pátio. Era como se o mundo se tivesse virado de pernas para o ar. Depois, passou o primeiro choque e, apesar de tudo - apesar do terror dos cães e do hábito, desenvolvido ao longo dos anos, de nunca se queixarem, nunca criticarem acontecesse o que acontecesse - poderiam ter pronunciado alguma palavra de protesto. Mas, precisamente nesse momento, como que a um sinal, todos os carneiros desataram a balir altíssimo:

- Quatro pernas bom, duas pernas melhor!

Quatro pernas bom, duas pernas melhor! Quatro pernas bom, duas pernas melhor!

Gritaram durante cinco minutos, sem parar. E, quando acalmaram, a ocasião de protestar tinha passado, pois os porcos tinham regressado a casa.

Benjamin sentiu um focinho encostado a ele.

Era Clover. Os seus velhos olhos pareciam mais baços que nunca. Sem dizer uma palavra, puxou-lhe suavemente pela crina e conduziu-o até ao outro lado do celeiro, onde estavam

escritos os Sete Mandamentos. Durante um ou dois minutos estiveram a olhar para a parede alcatroada com as letras brancas.

A minha vista anda fraca - disse ela, finalmente. -Mesmo quando era nova, não poderia ter lido o que ali foi escrito. Mas parece-me que a parede está diferente. Os Sete Mandamentos são os mesmos de outrora, Benjamin?

Pela primeira vez, Benjamin consentiu em quebrar a sua regra e leu-lhe o que estava escrito na parede. Não havia lá nada, exceto um único mandamento. Dizia:

TODOS OS ANIMAIS SÃO IGUAIS MAS ALGUNS SÃO MAIS IGUAIS QUE OUTROS

Depois disto, ninguém estranhou que, no dia seguinte, todos os porcos que supervisionavam o trabalho da quinta levassem chicotes. Também não causou admiração o fato de os porcos terem comprado um aparelho de rádio, estarem a instalar um telefone e terem feito assinaturas dos jornais John Bull, Tit-Bits e Daily Mirror. Ninguém se espantou ao ver Napoleão passear pelo jardim com um cachimbo na boca - não, nem mesmo quando os porcos tiraram as roupas do Sr. Jones dos guarda roupas e as vestiram. Napoleão apareceu com um casaco preto, calções de caça e polainas de couro, enquanto a sua porca favorita vestia o vestido de seda lustrosa que a Sra. Jones usava aos domingos.

Uma semana mais tarde, depois do almoço, algumas charretes chegaram à quinta. Uma delegação de agricultores vizinhos tinha sido convidada para uma visita de inspeção. Percorreram toda a quinta e manifestaram grande admiração por tudo o que viram, principalmente o moinho. Os animais andavam a mondar o campo de nabos. Trabalhavam diligentemente, mal levantando a cara do chão e sem saber se deviam ter mais medo dos porcos ou dos visitantes humanos.

Nessa noite, ouviram altos risos e cantarias vindos da casa grande. E, subitamente, o som de vozes misturadas encheu de curiosidade os animais.

Que poderia acontecer ali, agora que, pela primeira vez, animais e seres humanos se reuniam em termos de igualdade? De comum acordo, começaram a rastejar, o mais silenciosamente possível, na direção do jardim da casa.

Pararam na cancela, com medo de continuar, mas Clover foi à frente, guiando-os. Foram em bicos de pés até à casa e os que tinham altura suficiente espreitaram pela janela da sala de jantar.

Ali, sentados à volta da grande mesa, estavam seis agricultores e seis dos mais eminentes porcos;

Napoleão ocupava o lugar de honra, à cabeceira da mesa. Os porcos pareciam completamente à vontade nas cadeiras. Tinham estado entretidos a jogar as cartas, mas agora tinham interrompido por um momento, certamente para fazer um brinde. Um grande jarro passava de mão em mão e as canecas enchiam-se de cerveja. Ninguém reparou nas caras surpreendidas dos animais que espreitavam pela janela.

O Sr. Pilkington, de Foxwood, tinha-se levantado, de caneca na mão. Dentro de momentos, disse, iria pedir aos presentes que o acompanhassem num brinde. Mas antes disso havia algumas palavras que sentia dever pronunciar.

Afirmou que era motivo de grande satisfação para ele - e, tinha a certeza, para todos os presentes poder sentir que estava a chegar ao fim um longo período de desconfiança e de mal-entendidos.

Tempos houvera não que ele, ou alguns dos presentes partilhasse de tais sentimentos, mas em tempos os respeitáveis proprietários da Quinta dos Animais tinham sido olhados, não diria com hostilidade, mas talvez com uma certa apreensão pelos seus vizinhos humanos. Tinham ocorrido incidentes desagradáveis, tinham sido aceites falsas ideias.

Pensara-se que a existência de uma quinta pertencente a porcos e por eles dirigida era de certo modo anormal e susceptível de provocar um efeito perturbador na vizinhança. Muitos agricultores tinham concluído, sem investigarem devidamente, que em tal lugar prevaleceria um espírito de desordem e indisciplina. Tinham receado os efeitos sobre os seus próprios animais, ou até sobre os seus empregados humanos. Mas todas essas dúvidas se tinham dissipado. Hoje, ele e os seus amigos tinham visitado a Quinta dos Animais e inspecionado cada centímetro dela com os seus próprios olhos.

E que é que tinham encontrado? Não só os mais modernos métodos, mas uma disciplina e uma ordem que deveriam servir de exemplo a todos os agricultores, em toda a parte. Acreditava estar certo ao afirmar que os animais inferiores da Quinta dos Animais trabalhavam mais e recebiam menos comida que qualquer outro animal da região. Na verdade, ele e os outros visitantes tinham observado ali muitas medidas que tencionavam introduzir imediatamente nas suas próprias quintas.

Terminaria as suas observações, disse, salientando os laços de amizade que existiam e deviam existir entre a Quinta dos Animais e os seus vizinhos. Entre os porcos e os seres humanos não havia, nem deveria haver, qualquer choque de interesses. As suas lutas e dificuldades eram comuns.

Não era o problema do trabalho igual em toda a parte? Neste ponto, pareceu que o Sr. Pilkington se preparava para brindar os presentes com uma piada cuidadosamente estudada, mas ficou por momentos asfixiado pelo riso e não pôde proferi-la.

Depois de muito se engasgar, com duplo queixo arroxado, conseguiu dizer:

Se vocês têm de lidar com animais de baixa classe, nós também temos as nossas classes baixas!

Este trocadilho fez com que todos rissem à gargalhada e o Sr. Pilkington felicitou mais uma vez os porcos pelas magras rações, pelas longas horas de trabalho e pela ausência de mimos que tinha constatado na Quinta dos Animais.

Finalmente, disse que queria pedir aos presentes para se levantarem e verificarem se tinham os copos cheios.

-Senhores - concluiu o Sr. Pilkington -, senhores, faço um brinde: à prosperidade da Quinta dos Animais!

Os aplausos foram entusiásticos e bateu-se com os pés no chão. Napoleão ficou tão satisfeito que deixou o seu lugar e veio tocar com a sua caneca na do Sr. Pilkington, antes de a esvaziar. Quando os aplausos diminuíram, Napoleão, que permanecera de pé, declarou que também tinha algumas palavras a dizer.

Como todos os discursos de Napoleão, este foi curto e objetivo. Também ele, disse, estava cotente por ter terminado o período de mal-entendidos. Durante muito tempo tinha havido rumores postos a circular, tinha razões para o crer, por algum maligno inimigo - de que havia algo de subversivo e até revolucionário nas suas concepções e

nas dos seus companheiros. Tinha-lhes sido atribuída a tentativa de provocar a rebelião entre os animais das quintas vizinhas. Nada poderia estar mais longínquo da verdade! O seu único desejo, agora como no passado, era o de viver em paz e manter relações normais de negócios com os seus vizinhos. Esta quinta que ele tinha a honra de administrar, acrescentou, era uma empresa cooperativa. Os títulos de propriedade, que tinha na sua posse, pertenciam conjuntamente aos porcos.

Disse não acreditar que alguma dessas velhas suspeitas ainda se mantivesse, mas tinham sido feitas recentemente certas modificações na rotina da Quinta, com a finalidade de estimular ainda mais a confiança. Até agora, os animais da Quinta tinham vindo a adquirir o tolo hábito de se tratarem uns aos outros por «camarada». Isto ia acabar.

Também havia um costume muito estranho, cuja origem se desconhecia, de desfilar todos os domingos de manhã em frente a um crânio de porco espetado num poste, no jardim. Isto também sei-ia suprimido e o crânio já tinha mesmo sido enterrado. Os visitantes podiam ter visto, também, a bandeira verde que esvoaçava no mastro. Nesse caso, talvez tivessem reparado que o casco e o corno brancos que figuravam nela tinham sido retirados.

De agora em diante, a bandeira seria apenas verde.

Tinha apenas uma crítica, disse, a fazer ao excelente e cordial discurso do Sr. Pilkington. Este referira se sempre à «Quinta dos Animais». Não poderia saber, claro - pois ele, Napoleão, ia agora anunciá-lo pela primeira vez - que o nome «Quinta dos Animais» tinha sido abolido. Daqui para a frente, a quinta seria conhecida por «Quinta Manor» - que, segundo cria, era o seu nome correto e verdadeiro.

-Senhores -concluiu Napoleão -, faço o mesmo brinde de há pouco, mas de forma diferente. Encham os vossos copos até à borda. Senhores, eis o meu brinde: à prosperidade da Quinta Manor!

Todos voltaram a aplaudir, tão calorosamente como antes, e as canecas foram completamente esvaziadas. Mas enquanto os animais lá fora observavam a cena, começou a parecer-lhes que alguma coisa estranha estava a acontecer. Que era que se tinha alterado nas caras dos porcos? Os velhos olhos baços de Clover dirigiam-se de uma cara para outra. Alguns tinham cinco queixos, outros quatro, outros três. Mas que era aquilo? Parecia que se desfaziam e

modificavam. Depois, terminados os aplausos, os convivas pegaram nas cartas e retomaram o jogo que fora interrompido e os animais arrastaram-se dali para fora, em silêncio.

Mas depois de andarem alguns metros pararam de repente. Um tumulto de vozes vinha da casa.

Voltaram atrás precipitadamente e espreitaram de novo pela janela. Sim, lá dentro decorria uma violenta discussão. Havia gritos, pancadas na mesa, olhares cortantes de desconfiança, negações furiosas. A origem do problema parecia estar no fato de tanto Napoleão como o Sr. Pilkington terem joga- do simultaneamente o ás de espadas.

Doze vozes gritavam em fúria e eram todas idênticas. Não havia agora dúvidas sobre o que estava a acontecer às caras dos porcos. Os animais que estavam lá fora olhavam dos porcos para os homens, dos homens para os porcos e novamente dos porcos para os homens; mas já não era possível dizer quem era quem.

Novembro de 1943 - Fevereiro de 1944